

Apostila:

Desenvolvimento Mediúnico

COLÉGIO TENDA DE UMBANDA

Ensinando sobre a Religião



Modulo 08

Desenvolvimento Mediúnico

Aulas 29.

Fundamentos de Umbanda I

(por Alexandre Cumino)

Quais são afinal os fundamentos da Umbanda?

O fundamento de uma religião é sua base, seu alicerce, a razão fundamental de sua doutrina e ritual.

Na Umbanda ouvimos falar muito nesta palavra “fundamento”, em contextos como: “tal coisa tem ou não fundamento”, “isto é um fundamento da religião”. A palavra é usada e manipulada à revelia e, neste contexto, se perde o significado de fundamento e confunde-se o fundamento do todo (coletivo) com fundamentos das partes (individuais).

Para definir quais são os fundamentos da religião de Umbanda é preciso antes definir o que é Umbanda e, neste ponto, já encontramos uma dificuldade enorme para a maioria das pessoas que creem na definição detalhada de doutrina e ritual. No entanto, devemos definir quais são as linhas mestras da Umbanda, o simples e básico, para depois, então, identificar seus FUNDAMENTOS BÁSICOS. Sabemos que a Umbanda possui unidade e diversidade. Na unidade está o básico que faz identificar, ou não, Umbanda; e na diversidade está a liberdade ritual e doutrinária de cada grupo, “umbandas”.

Na unidade está o todo e na diversidade estão as partes. O todo é algo comum a todas as partes. Logo, fundamentos básicos são aqueles que estão presentes em todas as suas partes, no todo. Quando falamos de UMBANDA (singular e uma), estamos falando do todo; quando falamos em umbandas (múltipla e plural), estamos falando das partes. As partes também têm fundamentos. Em relação ao todo, estes fundamentos são parciais, fundamentos desta ou daquela parte, desta ou daquela umbanda. Aí surgem fundamentos da Umbanda Branca, Tradicional, Esotérica, Popular, Mista, Trançada, Africanista, Omolocô, Iniciática etc. Fundamento da parte não é fundamento do todo, logo fundamento de Umbanda é algo que deve ou pode ser aplicado ao Todo, em todas as partes e liturgias da religião.

Só não podemos falar em “Verdadeira Umbanda”, ou “Umbanda Pura”. Afirmar que algo seja “o verdadeiro” é uma forma de desclassificar o resto e rotular de falso. Também não podemos falar em pureza dentro de uma religião que nasce com sincretismos. Aliás, não existe pureza em nenhuma religião, todas nascem de cultos e ritos que lhes antecederam.

O básico do básico na Umbanda é reconhecer que se trata de uma religião brasileira fundada no dia 15 de Novembro de 1908 por Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Podemos identificar nas palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas os fundamentos mais básicos de Umbanda:

“Umbanda é a manifestação do espírito para a prática da caridade.”

“Aprender com quem sabe mais e ensinar a quem sabe menos, a ninguém virar as costas.”

Parece pouco, mas já é muito. Atendimento caritativo é a base doutrinária da religião, sem nenhuma forma de preconceito com relação às entidades que se manifestam. Quem lançou a pedra fundamental da religião foi um espírito que teve muitas encarnações e, entre elas, foi o Frei Gabriel de Malagrida que fez a opção de se apresentar como “Caboclo”. Seguido a esta manifestação se apresentou o preto-velho Pai Antônio, e ambos chamaram falanges de caboclos e pretos-velhos para trabalhar na Umbanda. Logo, “caboclo” e “preto-velho” são formas de se apresentar escolhidas pelos espíritos que militam na Umbanda. Mais um de seus fundamentos básicos: as entidades se organizam no astral em linhas e falanges identificadas pela forma de apresentação, a qual guarda relação com os Santos, Orixás e forças da natureza.

Quanto ao ritual é bem simples e musicado, na maioria das vezes segue uma sequência que pode variar um pouco, mas que em geral fica nesta ordem: oração, saudação à esquerda, bater cabeça, abrir cortina (quando tiver), defumação, hino da umbanda, abrir a gira, saudação às sete linhas, saudação aos orixás e guias chefes da casa, chamada de orixás ou guias que darão sustentação ao trabalho e chamada da linha de entidades que dará atendimento (passe e consulta); ao final dos atendimentos a subida das entidades, podendo, ou não, ter descarrego dos médiuns com esta ou outra linha que venha para tal atividade.

Na próxima edição vou comentar sobre a relação entre fundamentos de umbanda e questões polêmicas, como sacrifício animal, cobrança de atendimentos, procedimentos afros e outros.

Umbanda não tem verdades inquestionáveis (dogmas) e nem assuntos proibidos ou interditados (tabus). No entanto, para falar de fundamentos é essencial ter conhecimento de causa, conhecer profundamente o assunto e, no caso da Umbanda, conhecer sua história, doutrina, teologia, liturgia, ritualística... Caso contrário, como diria meu amigo, irmão e mestre, Rubens Saraceni: “tudo permanece no campo de uma ciência camada ‘achologia’, um campo de incertezas e divagações”.

Fundamentos de Umbanda II

(por Alexandre Cumino)

Este é o segundo texto sobre fundamentos de Umbanda. No primeiro, foi importante explicar o que é “fundamento” e falar sobre “Umbanda” e “Umbandas”.

Quando se fala de um fundamento da religião, estamos falando do todo ou da maioria, e quando falamos de visões mais particulares, estamos falando de particularidades ou fundamentos deste, ou daquele seguimento. Logo podemos dizer, por exemplo, que sacrifício animal não é um fundamento de Umbanda, o que quer dizer que para se praticar Umbanda não é necessário fazer sacrifício animal, e que a grande maioria dos terreiros de Umbanda não pratica o sacrifício animal. As práticas de sacrifício surgem, em alguns seguimentos de Umbanda, por influência do candomblé e de outros cultos de nação.

Geralmente os terreiros que adotam sacrifícios animais se denominam como tendas de:

“Umbanda Africanista”, que pode ser chamada também de “Umbanda Mista”,

“Umbanda Trançada”,

“Umbanda Omolocô”, ou “Umbandoblé”. Este último pode se aproximar dos terreiros de Candomblé que passaram a trabalhar com entidades de Umbanda, como caboclos, pretos-velhos, baianos e boiadeiros. Neste caso, é difícil saber se se trata de um terreiro de Umbanda ou Candomblé.

Não é um fundamento de Umbanda cobrar pelos trabalhos de atendimento espiritual. Mas é comum que, num templo, tenda, ou centro, os médiuns se unam para pagar as contas ou dar uma contribuição mensal. Bem diferente de cobrar por um atendimento. Aqui o fundamento de Umbanda está na questão da prática da caridade espiritual, que não deve ser confundida com exploração.

Para evitar do médium se sentir explorado, ou usado pelas pessoas ou por espíritos, é que normalmente se definem dias e horários para os atendimentos mediúnicos, de forma que os mesmos não atrapalhem o ritmo de vida de cada um. Há médiuns que podem disponibilizar um ou dois dias da semana para o trabalho de atendimento, outros apenas de quinze em quinze dia. Cada um tem a sua medida e sabe de seus compromissos e necessidades. Cada um faz o que pode e dá o que tem. O importante é encontrar uma medida saudável.

A música é um fundamento de Umbanda. A nossa música sagrada é chamada de “pontos de Umbanda”. Para executá-la, não é obrigatório o uso de atabaques, mas a cada dia vemos mais terreiros aderindo ao som dos atabaques que, quando bem tocados, auxiliam nos trabalhos espirituais.

O som grave da percussão de couro, ou similar, trabalha o nosso chacra básico e a energia da terra, o que ajuda o médium a sintonizar com uma força primordial e parar um pouco a cabeça. Voltando-se a terra, a mente para um pouco de pensar e atrapalhar o processo mediúnico.

O uso de símbolos riscados no chão é um fundamento mágico da religião de umbanda, mágica por excelência. São os “pontos riscados”, por meio dos quais as entidades espirituais traçam “espaços mágicos”, abrem vórtices de energia e campos de vibração para limpeza, descarga, cortes de energia, imantação, consagração e também para evocar as forças, poderes e mistérios dos Orixás. Esta “Magia de Pemba” é presente desde o nascimento da religião e constitui um vasto campo de estudos, polêmicas e realizações. Existem muitas formas de grafias e escritas mágicas. Os guias de Umbanda têm uma forma particular de escrever sua magia por meio de um giz mineral chamado de “pemba”.

O uso das velas também é um dos fundamentos de Umbanda, por mais simples que seja o trabalho espiritual, sempre existe no mínimo uma vela acesa. Acendemos velas para os orixás e guias de Umbanda.

A vela potencializa e perpetua os pedidos e orações dos adeptos das religiões. Muitos têm medo de acender velas em suas residências, no entanto, o Umbandista sabe que, quando uma vela tem “dono” espiritual, nada de mal pode ser desencadeado por meio dela, pois a força a que ela está ligada sempre se manifestará para proteger o fiel umbandista.

Entre o uso de velas está também um fundamento simples e muito presente na Umbanda, a vela para o “anjo da guarda”. Costuma-se acender uma vela de sete dias para o anjo da guarda como forma de proteção do praticante de Umbanda. Anjo da Guarda é um mistério de Deus voltado a nossa proteção. Ter sempre acesa uma vela traz segurança mediúnica e proteção espiritual, que se estende ao campo emocional do médium. Claro que, como todas, é uma proteção que depende do merecimento e da postura deste médium diante da vida e de seu círculo de relacionamentos.

As “sete linhas de Umbanda” são um fundamento muito polêmico e discutido desde os primórdios da religião, pois cada um cria, ou inventa, as suas sete linhas de Umbanda particulares. No entanto, basta saber que o fundamento das sete linhas se refere às sete vibrações de Deus, que são sete energias básicas na criação.

Existem muitos Orixás, muito mais que sete. Cada grupo adapta as sete linhas para os Orixás que já conhece. Com um estudo mais aprofundado, é possível identificar todos os Orixás conhecidos nas mesmas sete vibrações, as sete linhas de Umbanda. Certa vez, um guia me falou: “filho, quando lhe perguntarem o que são as sete linhas de Umbanda, diga que são as sete formas que deus tem de nos Amar.”

Bem... estes foram alguns conceitos fundamentais sobre a religião de Umbanda. Espero, com estas linhas e palavras, ajudar na compreensão de nossa fé.

Desenvolvimento Mediúnico

Aulas 30.

Os Guias Espirituais

Como o nome já o indica, os Guias Espirituais de Umbanda são seres de Luz dispostos a nos guiar durante uma ou mais encarnações, no sentido de nos orientar, intuir, auxiliar e proteger (conforme as nossas reais necessidades evolutivas e o nosso merecimento!), a fim de nos ajudar a cumprir os objetivos traçados antes do nosso reencarne, e sempre em prol da nossa evolução espiritual.

Todos nós temos Guias Espirituais, independente da nossa religião. O que varia é a denominação que as diversas religiões dão a esses abnegados benfeitores (Guias, Protetores, Amparadores etc.). Diz EMMANUEL: “A mesma bondade infinita que nos socorre nos santuários espírita-cristãos, é a mesma que se expressa nos templos de outra feição interpretativa da Divina Idéia de Deus.”

Um Guia é sempre, e por definição, mais elevado do que aqueles a quem veio orientar e amparar.

Na Umbanda, em sua maioria, os Guias são espíritos humanos que passaram por várias encarnações, buscando conhecimentos, utilizando-os sempre pra o Bem e assim adquirindo sabedoria e merecimento perante o Criador e as Leis da Criação. Há, também, seres de dimensões paralelas à humana que se manifestam nos médiuns de Umbanda, com igual finalidade, pois nas respectivas dimensões eles evoluíram e alcançaram o grau necessário para essa tarefa (exemplos: Crianças da Umbanda, Sereias, Exus Mirins).

Não importa a “roupagem” com que os Guias se apresentem (Preto-Velho, Caboclo, Criança, Exu, Marinheiro etc.). Por trás desses arquétipos e suas formas plasmadas vamos encontrar espíritos e seres de variados graus de conhecimento e evolução (sempre mais adiantados do que o nosso e o do médium no qual atuam), e que continuam estudando, trabalhando e se aprimorando, já que prosseguem nas suas evoluções.

Os Guias de Umbanda não “exibem” seus títulos, dons e conhecimentos. São movidos pelo ideal de ajudar aos irmãos necessitados e se enfileiram nas diversas Linhas de Trabalho da Umbanda, manifestando-se com as características dos respectivos Arquétipos. Tendo alcançado certo grau, podem “mostrar-se” com determinada forma plasmada, ou seja, moldam seus corpos espirituais com a aparência de Preto-Velho, Caboclo etc.; e usam o modo de falar, o gestual e os elementos característicos da Linha que representam porque estão autorizados a fazê-lo.

Deixam de lado, muitas vezes, nomes ilustres que tiveram em determinada encarnação, para apresentar-se com o nome genérico da Linha (Caboclo etc.), numa forma silenciosa e profundamente bela de nos ensinar o desapego e a Fraternidade.

As Linhas de Trabalho da Umbanda, também chamadas de Povos da Umbanda, foram idealizadas no Astral Superior por seres de grande elevação moral e espiritual, antes que a

Umbanda fosse trazida ao plano físico pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, por seu médium Zélio Fernandino de Moraes. O objetivo das Esferas Elevadas era socorrer a humanidade, que vinha atravessando períodos de atraso e negatividades (escravizando seus irmãos por conta de ambições e preconceitos injustificáveis; pela cobiça e o apego material excessivos; por atos de crueldade e desprezo aos valores espirituais etc.).

Cada Linha recebeu grupos de seres e espíritos afins, já portadores de um determinado grau de elevação espiritual, conhecimentos e especialidades, que os habilitavam a atuar em áreas específicas; então se organizando o Trabalho Espiritual de Umbanda que cada Linha viria a realizar. Com o tempo, outros seres e espíritos foram e continuam sendo admitidos, aumentando os seus quadros e potencial de ajuda.

As Linhas de Umbanda atualmente conhecidas e mais atuantes na Direita são: Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Baianos, Boiadeiros, Ciganos, Malandros, Marinheiros e Sereias. Exceto quanto às Crianças e às Sereias, as demais Linhas agrupam espíritos humanos que já passaram pela experiência da vida carnal.

E na Esquerda temos: Exus, Pombagiras e Exus Mirins. Estes, os Exus Mirins, vêm de uma dimensão paralela à Esquerda da dimensão humana, eles não são espíritos humanos.

► Que espécie de amparo e orientação os Guias Espirituais podem nos dar?

Os Guias nos sugerem bons pensamentos, palavras e atitudes, inspirando-nos sempre para a prática do Bem; ouvem nossas queixas e nos estimulam a buscar soluções, sem deixar de trazer consolo e esperança para os nossos momentos de aflição; quando necessário, falam com severidade e nos alertam para a necessidade de revermos e corrigirmos pensamentos e atitudes negativas que nos afastam do caminho da Luz.

Por sua elevação e nobreza, não ficam conosco durante todo o tempo. Não ficam à nossa disposição porque isto atrapalharia o nosso progresso espiritual. Não podem fazer por nós o que

É tarefa nossa. Até porque, quando nos omitimos em buscar conhecimentos e soluções, ou quando insistimos numa conduta inadequada à nossa evolução, assumimos perante a Lei e a Justiça Divinas as consequências disso; e os Guias não podem interferir em nosso livre arbítrio. Depende de cada um de nós a busca e o desenvolvimento da Fé, da autoconfiança e da autoestima; o que pode ser alcançado a partir do autoconhecimento e pela aquisição de sentimentos e pensamentos mais puros e de cultura nobre.

Os Guias Espirituais são, por assim dizer, “nossos Irmãos mais velhos”, que por esforço próprio adquiriram conhecimento, sabedoria e merecimento, e que agora voltam para auxiliar o nosso progresso, aplicando em nosso benefício tudo quanto aprenderam.

Eles nos auxiliam principalmente quando nos ensinam sem alarde, pelos seus exemplos de fé, paciência, humildade, dedicação, determinação, coragem, perseverança, carinho e tantas outras virtudes que já adquiriram.

Precisamos amá-los, respeitá-los e compreender que não é tarefa deles nos carregar nos ombros e nem fazer “mágicas” que resolvam nossos problemas.

O compromisso dos Guias Espirituais perante o Divino Criador, a Lei e a Justiça Divinas é apenas o de nos orientar e estimular, para percebermos que nós mesmos somos capazes de desenvolver nossas potencialidades e, através delas, encontrar as soluções para as nossas dificuldades do momento.

A simples presença de um Guia Espiritual demonstra a continuidade da vida depois da morte física e, só por isto, revela que os nossos esforços têm uma razão de ser, que nada é perdido, e que estamos construindo continuamente a nossa evolução e a nossa felicidade.

O Guia Espiritual de Umbanda é o Sagrado que chega até nós, pelos vários Caminhos de que dispõe o Divino Criador; e sempre usando de uma linguagem simples e compreensível a todos, para despertar em nós o sentimento de Irmandade e Fraternidade.

Quando nos faltam meios para a solução de uma dificuldade, aí sim, os Guias podem agir, mas sempre em obediência à Lei do Criador (na quebra de magias negativas, no afastamento e doutrinação de espíritos vingativos, na cura de enfermidades etc.). E ainda nos alertando de que precisamos, muitas vezes, é modificar o nosso padrão mental, emocional e as nossas atitudes, para entrarmos numa sintonia mais positiva e evitarmos atrair influências desequilibradoras e nocivas.

Ainda a respeito dos Arquétipos da Umbanda, RUBENS SARACENI explica que: “Os guias espirituais umbandistas incorporam com suas formas arquetípicas definidas logo no início da expansão da Umbanda, quando os espíritos se apresentavam como sendo Caboclos (as), Índios (as), Pretos (as) Velhos (as), Crianças, ou como Exus, Pombagiras, Caboclos Boiadeiros, Baianos e Marinheiros, abdicando de seus nomes antigos e assumindo nomes de correntes de espíritos.

Os nomes coletivos servem tanto para ocultar suas identidades como para determinar seu grau e sua forma de trabalhar, e como devem falar e apresentar-se quando incorporam em seu médium.

Desde que os centros umbandistas, kardecistas e demais segmentos espiritualistas os aceitem, eles incorporam regularmente e passam a dar consultas e a realizar trabalhos em benefício das pessoas, não se preocupando com a crença delas, pois, para os guias espirituais, o que importa é o ser em si, e não a religião ou a doutrina que ele siga.

Os Pretos velhos vinham dos Cultos de Nação então existentes, englobados hoje no Candomblé.

Os primeiros Pretos Velhos tinham seus nomes associados aos de Países Africanos tais como: Congo, An-go-la, Cambinda, Mina, Keto etc.

Os Caboclos vinham da religião in-dígena aqui existente e seus nomes aludiam às Tribos.

Os primeiros Caboclos apresentavam-se com nomes como: Caboclo Aymoré, Tupi, Tupiniquim, Tupinambá etc. Mais adiante vieram as Crianças ou Erês (os gêmeos africanos).

Na Direita, apresentavam-se com nomes de Santos, no diminutivo: Pedrinho (São Pedro), Joãozinho (São João), Mariazinha (San-ta Maria), Glorinha (Nossa Senhora da Glória), Tiãozinho (São Sebastião) etc.

Já na Esquerda apre-sentavam-se com os nomes dos Exus, no diminutivo”.

Desenvolvimento Mediúnico

Aulas 31.

Linha e Arquétipo.

Linha e Arquétipo dos Caboclos.

(Ditado por Sr. Caboclo Tupinambá)

Num tempo distante, milenar, habitou nas terras sagradas deste Brasil exuberante um povo até hoje mal compreendido, interpretado pela vã concepção daqueles que aportaram nesta terra com o único interesse de consumir e apoderar-se da riqueza natural até então existente tão bem tratada por milênios pelo povo anônimo que era parte da fauna e da flora, que não se dissociava do meio que vivia, pois entendia que era parte do todo e sendo assim devia reverências e preservação.

Este povo colhia somente o necessário para o alimento, caçava para o alimento e também era caçado na forma de alimento, um ecossistema perfeito, natural.

Dotados de inteligência, pois esta é a condição humana, ainda que se movimentassem mais pela intuição e instinto, sabiam pela razão que não poderiam esgotar a vida por onde passassem, sendo assim quando uma clareira abrigava uma tribo e num determinado momento a vida ao redor se apresentava escassa, por respeito levantava-se acampamento para habitar em nova região permitindo que a natureza ali pudesse se recompor, desta forma não agrediam sua terra, sagrada.

“Gigante pela própria natureza...” esta sagrada terra outrora imponente nos fazia pensar que jamais se esgotaria e veja você...

Este povo que por mérito e benção Divina que aqui habitou são os índios, que foram extraídos de sua natureza, até a alma perdeu, assim ditou senhores da fé, disseram que nós não éramos dotados de alma e fincando a primeira espada a beira-mar, aliás chamavam esta espada de Cruz, de fato seu formato era uma cruz, mas saibam, era uma espada, pois quando fincada nesta terra, dela verteu sangue e como uma fonte inesgotável, observe, até hoje os poros desta terra expelem e absorvem sangue...

Mas isto é outra história!

Quero dizer que índio não era uma raça espiritual a parte, seres estranhos á natureza humana, posso dizer que uma condição humana, ou melhor, um privilégio para aqueles que na sua existência errou, mas também acertou muito e alcançando um “bônus” divino pôde nascer em uma tribo indígena, que existiu por todo o planeta, pois índio é o nativo, aquele que brotou da terra como qualquer outra árvore, sua origem no plano físico ainda é velado, então entenda que brotavam da terra e por isso sentiam-se parte dela.

O índio era aquele espírito que já havia saído do ciclo de vícios emocionais, como vingança, ódio, sexo, vaidade, orgulho, avareza, etc., o humano que encarnou como índio tinha a oportunidade de viver a vida plena integrando-se á natureza, percebendo numa árvore a presença divina, numa folha parte de uma Divindade, na água o néctar Divino, nos animais seus irmãos e no ar sua essência, uma simbiose perfeita e necessária para completar o ciclo da razão humana. Poucos que como índios tiveram a oportunidade de encarnar, voltaram à carne, era como a última passagem, para dali continuar a evolução em outros planos.

Pequenos homens que por estarem tão distante desta plenitude exterminaram o que não era espelho, está aí o mal do homem moderno, o mal de narciso que estranha e repudia tudo o que não é espelho.

Amamos a natureza, do Criador ao inseto mais “insignificante”. Somos Um. Então fomos vilipendiados, usurpados e escravizados, como disse até a alma perdemos, pregava-se que índio não ia pro céu, que ironia...Olha nós aqui, do “céu” falando a vocês.

Mas nada disso fez com que perdêssemos o que por milênios cultivamos, o espírito não se manchou e não fomos pegos pelos sentimentos trevosos que poderia fazer com que tudo o que se tinha cultivado fosse jogado trevas abaixo. Acaso você já viu em um trabalho de desobsessão um índio perturbando um encarnado, acaso registrou um caso de índio nas Trevas ou índio algum que se perdeu no “mundo dos mortos”?

Fomos dizimados e nossa existência sendo abafada, foi quando surgiu no plano astral um movimento conhecido como Corrente Umbanda Astral, este movimento anunciava a oportunidade para aqueles índios do planeta que já desencarnados e impossibilitados de prosseguirem com sua dinâmica de desenvolvimento humano e espiritual pudessem ter um campo de atuação, isso tudo é mais complexo e não cabe neste momento.

Importante é que fomos convocados, não restou um e começamos a nos preparar para trabalhar em benefício dos encarnados, ainda sob o véu de outras religiões, pois não tínhamos um campo religioso próprio para nos manifestar. Mas isso pouco importava, pois os caminhos da fé sempre convergem ao mesmo destino.

Este movimento nos assentou num grau evolutivo e denominou como Caboclo, que de nada tem haver com as miscigenações de raças. Caboclo é um grau e também uma linha de trabalhadores espirituais que no início da criação do grau era composto na sua totalidade por índios não só brasileiros, mas de todo o planeta. Séculos se passaram e outros espíritos que não tiveram a oportunidade de encarnar como índios atingiram este grau e aqui estão.

Noutro momento tivemos a ordem superior de instituir no plano físico uma porta religiosa própria e assim nasce a Umbanda, a religião que une as raças, reporta-se aos melhores costumes e manifesta a cultura original de tantos povos originais que a compõe. Aqui falei de uma linha, os Caboclos, os Índios.

Assino esta carta com meu nome de tribo que de tão abrangente pôde manter-se como linha de trabalho sem precisar recorrer aos nomes simbólicos, ainda que em si recolha todo um mistério e manifestação Divina.

Minhas reverências ao Brasil natural, ao povo que aqui evoluiu!

Sou índio, sou caboclo, sou Tupinambá!

Nota do autor físico:

Lendo esta carta do Sr. Caboclo Tupinambá, me veio ressonante as palavras do Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas na ocasião da fundação da Umbanda: “Fui padre, meu nome era Gabriel Malagrida, acusado de bruxaria fui sacrificado na fogueira da inquisição por haver previsto o terremoto que destruiu Lisboa em 1755. Mas em minha última existência física Deus concedeu-me o privilégio de nascer como um caboclo brasileiro.”

Nesta fala ele ressalta que ser índio foi um privilégio.

Historicamente podemos perceber como a sociedade indígena sempre esteve a frente de nosso tempo no quesito moral e cidadania, a idéia de respeito e amor ao próximo era nato. Quando uma índia ficava viúva, outro índio mesmo casado a recolhia e assumia o papel de marido, para que esta não ficasse sem o amparo de um homem. E tudo era normal. Não existia pecado.

O corpo não representava sensualidade, por isso a nudez era normal. O sexo era uma ferramenta de reprodução e prazer ao casal.

Pensando nisso tudo vejo que os índios jamais precisaram ser catequizados, pois eram naturalmente cristãos, pois tudo o que Cristo tentou pregar, os índios praticavam, só aqueles que pregavam que não haviam entendido a lição do Cristo.

Bem, o Sr. Tupinambá ainda deixou um orientação de como fazer uma assentamento simples da linha de caboclos que pode ser feito por qualquer um, não precisa ser médium e a fundamentação disto é para que se tenha uma porta aberta para a presença e a proteção da força Caboclos. Pode ser feito em casa, no terreiro ou onde achar melhor.

Então anote:

Materiais:

- 07 pedras quartzo verde;
- 07 charutos,
- 01 alquidar médio;
- 07 folhas de samambaia;
- 01 quartinha branca macho pequena;
- Suco de caju (concentrado);
- 01 vela 7 dias bicolor branco/verde.

Despeje dentro da quartinha o suco de caju (concentrado). Coloque a quartinha no meio do alquidar. Envoltela dela faça um ninho com as folhas de samambaia, acenda a vela na frente

do alguidar. Intercale um charuto com uma pedra dentro do alguidar, por cima das folhas em círculo. Acenda todos charutos dando três baforadas na quartinha.

Toda semana acenda ao menos uma vela palito verde. Na ocasião troque o líquido, pode permanecer no máximo 15 dias.

Sempre que fizer esta firmeza semanal, pegue um dos charutos e dê três baforadas, concentrado nos pedidos e orações. Vá rotacionando os charutos. Estes charutos devem ser trocados de três em três meses bem como a samambaia.

Oração de assentamento:

“Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde os caboclos do astral possam se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso aos caboclos de acordo com o meu merecimento. Peço que a força dos caboclos esteja presente e receba minhas vibrações.”

Ps.: Este é um assentamento universal para a linha de caboclos, que pode ser consagrado a um caboclo específico ou deixar aberta de forma universal. Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados.

Okê Caboclos!

Fonte: este texto faz parte da apostila que compõe o material de estudos do curso Arquétipos da Umbanda, desenvolvido e ministrado por Rodrigo Queiroz.

LINHA E ARQUÉTIPO DOS PRETO VELHOS.

(Por Rodrigo Queiroz / Ditado por Pai João de Angola)

O balanço do navio ainda enjoava. Não sei o que mais enjoava, se era o balanço do navio ou a visão mórbida de tantos corpos de meus confrades empilhados e já sem vida. Se o mau cheiro e a falta de espaço ou ainda os grilhões que nos prendiam.

Triste sorte, quem são estes animais hominídeos que nos amarravam, batia e subjugava.

Zâmbi estaria revoltado conosco? Ou os Orixás se esqueceram de seu povo?

Pensando assim é que muitos dos nossos não puderam se aproveitar da oportunidade em viver a escravidão. Processo este que se por um lado mancha a história da humanidade, por outro, “lavou a alma” de milhares de espíritos que na carne sentiu o gosto amargo da prestação de contas com o Criador.

Todos sabem que quando os africanos foram escravizados, a Igreja logo tratou de justificar isso, tirando nossa alma, assim fizeram com nossos irmãos indígenas. Claro, é mais fácil arrancar-lhe a alma ao ter que conviver com a consciência.

Não vou aqui estender aos interesses dos colonizadores ou acusa-los. Vou tentar mostrar o lado bom desta sangrenta moeda.

Acontece que na Mãe África as coisas não iam tão bem quanto parece nos contos. Nosso povo era bem desenvolvido, no entanto totalmente dirigido pelo mito, este que ditava nossas diretrizes ou nele é que justificávamos nossos atos. Atos estes nada bons.

É certo que o homem tem necessidade de conquista e expansão. Diferentemente dos índios, nos digladiávamos em busca de riquezas e poderio, o que é pior, justificando como vontade dos Orixás, foi assim que a tribo de Ogum, formado por homens geneticamente mais avantajados pontificou este Orixá como o Senhor das Guerras e da Milícia....

Neste sentido o povo africano estava se distanciando da vida natural ou da conservação da vida, não foi diferente com nossos irmãos ocidentais que jogaram a culpa em Jesus e saíram conquistando terras pela lâmina da espada, bem, mas isso é dívida deles.

Com a escravidão, nós tivemos a oportunidade de nos reconhecer como semelhantes, uma vez que a rinha em tribos era feroz. Subjugados tivemos tempo para pensar em nossos atos, fazer brotar a humildade, simplicidade, resignação e principalmente o amor á vida. Todavia, para os companheiros que chegaram nesta conclusão entendo que cumpriu com o propósito Divino, porém não foi simples assim, muitos outros milhares caíram no ódio, vingança e toda sorte de sentimentos contrários a evolução necessária.

Perdoar o seu algoz talvez seja a chave mais certa para a iluminação!

Sabedoria, eis o que simboliza a Linha dos Pretos Velhos, mas saiba leitor, esta sabedoria só existe pela vivência, por experiência, não se compra não se lê, simplesmente vive.

Humildade, sentimento este simples de entender. Se coloque como parte do meio que você vive. Ao invés de querer ser expoente, ou líder, ou coisa do tipo, procure somar, contribuir para solidificar. Veja o Brasil, a fama da construção deste país recai nos ombros dos Europeus que casa alguma teria erguido sem os braços negros do nosso povo. A meu ver mais vale o que é concreto do que é falácia.

Já no Astral o povo africano que tinha se redimido de seus débitos milenares, e já com a "alma lavada" foi convocado pelos Mestres da Luz a formar a linha de trabalho espiritual em auxílio dos encarnados, surge assim o Grau Preto Velho, onde se assentou os nativos africanos, que pontificava paralelamente com o grau Caboclo, enquanto os índios traziam a jovialidade, determinação e pureza natural, nós contribuiríamos com o culto aos Orixás, bem organizado.

Com a experiência do ancião e a mandinga que cura e afasta todo mal.

Desta forma iniciava um entrosamento perfeito e renovado no Astral que sustenta tantos encarnados nas mais variadas religiões.

Assim é o arquétipo da linha dos africanos, baseado no ancião, no simples e sábio.

Estamos à disposição daqueles que apesar do coração oprimido ainda se permite acreditar sem perder a fé e a esperança, levar graça aos desgraçados, amor aos desiludidos.

Mantemos o rótulo do velho arcado, para que assim possamos nos aproximar dos amedrontados, pois se a primeira vista não apresentamos perigo, rapidamente sentam em nosso colo.

Somos os Pais Velhos, Preto Velho, Africano, Saravá o Orixá!

Nota do Autor Físico: Finalizando este texto me lembro de um ponto que traduz esta linha "A Umbanda é linda pra quem sabe trabalhar quem não pode com mandinga não carrega patuá!"

Este relato apresenta claramente o que a escravidão significou para nossos irmãos africanos. Claro que não justifica nada, tampouco deve parecer uma concordância com este tenebroso passado, penso que a lição para nós é simples, pois este Preto Velho tenta nos mostrar que do mais pesado fardo, da mais profunda dor, do mais confuso tumulto é a oportunidade de tirarmos lições capazes de nos colocar em outro patamar evolutivo e amadurecer a alma, o coração.

Pense nisso!

Assentamento:

01 Alguidar cheio de café grão;
01 pedra turmalina negra, 01 pedra ametista;
Fumo em corda; 21 contas de lágrimas de Nsr^a;
01 Cachimbo com fumo;
01 vela 7 dias bicolor branco/preto;
01 xícara com café;
01 xícara com vinho tinto;
Incenso de guiné.

Dentro do alguidar, no meio coloque a vela. Do lado direito coloque a Turmalina e do esquerdo a Ametisa, circule com as contas e o pedaço de fumo em corda coloque onde quiser. Tudo isso dentro do alguidas.

Do lado de fora fica as xícaras.

Toda semana acenda ao menos uma vela palito bicolor branco/preto. Na ocasião troque o líquido, pode permanecer no máximo 15 dias. Sempre que fizer esta firmeza semanal, pegue o cachimbo e dê três baforadas, concentrado nos pedidos e orações.

Oração de assentamento: "Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde os pretos velhos do astral possam se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso aos africanos de acordo com o meu merecimento. Peço que a força dos africanos esteja presente e receba minhas vibrações."

Ps.: Este é um assentamento universal para a linha de Preto Velho, que pode ser consagrado a um Preto Velho específico ou deixar aberta de forma universal. Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados.

Yaô meu Pai!

Fonte: este texto faz parte da apostila que compõe o material de estudos do curso Arquétipos da Umbanda, desenvolvido e ministrado por Rodrigo Queiroz.

LINHA E ARQUÉTIPO DOS BAIANOS.

(Por Rodrigo Queiroz /Ditado por Zé da Peixeira)

Até hoje quando conto isso, sinto o gosto do meu sangue na boca e um brilho a ofuscar minha visão. Olha “bichinho”, é bom você tratar de fazer o melhor possível da sua vida, porque do lado de cá não é paraíso não.

Minha história é assim, eu me achava um cabra macho da peste, num sabe? E um desinfeliz certo dia desrespeitou minha namorada, vixi “bichinho” meu sangue subiu como um tiro pra cabeça, passei a mão no meu facão e pulei no safado, tão cego que estava de ódio não percebi a burrada que me envolvi. Errei meu golpe e este erro facilitou para o safado furar meu bucho com uma peixeira, “bichinho” tu não imagina a dor que é isso, então aconteceu em segundos que minha vida passou na minha frente, engraçado que na ocasião lembrei de coisa que parecia besteira de lembrar, até pensei numa segunda chance do Céu, mas meu bucho tava furado e rasgado, poucos minutos de agonia foi o suficiente para eu não pertencer ao mundo dos vivos, senti um sono e apaguei...

- ❖ Vamos Zé, acorda! – um garoto me chamava.
- ❖ Com um pouco de dor abri os olhos e resmunguei algo ao garoto.
- ❖ Zé, ou melhor, José Arantes, você adiantou teu retorno ao lado espiritual da vida!
- ❖ “Oxente bichinho”, que besteira é essa?!?
- ❖ Tenho que ser objetivo Zé, tu não tem muito tempo, então trate de ser forte e vamos direto ao assunto. – falou firme o garoto.
- ❖ Muleque, me explique intonce!
- ❖ Zé, tu se envolveu numa briga de faca, por conta de sua “honra”, pensando que “honra” se resolve na faca e...bem... você levou a pior. Seu adversário te pegou de jeito e rasgou seu corpo, agora você está num hospital espiritual e para ser franco faz alguns dias isso.
- ❖ Credo “bichinho” que tragédia é essa que me cobre?
- ❖ Olha Zé, não fique agora tentando buscar resposta, seja pratico e objetivo, levando em conta que a alguns anos você foi iniciado no Santo e paralelamente participava de reuniões mediúnicas, logo a existência do mundo espiritual e vida eterna pra ti não é novidade, certo?
- ❖ Meio certo “bichinho”, pois nunca vi um espírito e imaginar que você é um, já começo a ter coceira...(risos) Deixe de brincadeira Zé, temos que nos adiantar!

- ❖ “Oxente”, quer dizer então que sou um morto!?!
- ❖ Pode dizer que você já não pertence aos encarnados.
- ❖ Ainda bem que ninguém morre antes da hora, tudo tem o sentido de ser.
- ❖ Não é bem assim Zé, aliás a alguns milênios que as coisas não são mais tão naturais quanto querem acreditar lá na Terra.
- ❖ Que quer dizer com isso “bichinho”, que não morri na hora que Deus quis?
- ❖ Acaso crê que foi Deus quem criou aquela briga? E que ele queria te matar a facada?
- ❖ Pode não ser Deus, mas que tinha dedo de Exu eu garanto, e Exu é de Deus, então ta tudo no céu oras!
- ❖ (risos) Se não fosse você soltando esta pérola, não acharia tão engraçado este absurdo.
- ❖ Absurdo! Mas quem está de brincadeira é você muleque, minha Mãe de Santo me ensinou estas coisas.
- ❖ Olha Zé, esqueça um pouco sobre o que aprendeste, mas posso te adiantar que está equivocado, pois naquela briga só tinha dedo seu, aliás cinco dedos empunharam a foice, faltou habilidade, afinal não era como uma touceira de cana, que é estático, então foi golpeado. Asseguro também que isso é responsabilidade sua, não tem Deus determinando sua fúria nesta hora.
- ❖ Mas então tem o meu Orixá que é muito bravo!
- ❖ Não Zé, não tem...Mas tudo isso você vai entender. Por ora o importante é saber se você concebe a idéia de estar em outra realidade.
- ❖ Entendo, mas preciso saber mais, vou me acostumar.
- ❖ Certamente, então me acompanhe, temos um longo caminho.

O que vem a seguir é muitos detalhes impossíveis de colocar aqui, seriam necessárias muitas páginas e este não é o objetivo no momento.

Dali pra frente passei por muitas escolas até que fui convidado a participar de uma falange no Grau Baiano.

De fato vivi no interior da Bahia, minha lida era no canavial e plantações, mergulhado na cultura machista e de pouca instrução, fiz da minha vida algo muito curto, sem emoções ou sentido. Mas ainda assim era muito crédulo, devoto dos Orixás, ainda cedo mamãe me levou num terreiro de Santo e fui iniciado no culto, depois vim a conhecer o Catimbó e outras seitas que misturavam Orixás com espíritos que se comunicavam, eu era médium e gostava muito disto.

Não era capaz de prejudicar ninguém, vivia em paz e adorava o ser humano, só a tal ocasião é que me tirou do eixo, por fim aprendi muito com isso.

Muito se estuda do lado espiritual, tanta coisa que não dá para explicar.

Vou tentar apresentar de forma rápida e simples, como fui iniciado e como se fundamenta a Linha dos Baianos.

Evolutivamente não estamos muito distantes dos irmãos encarnados, mas nem perto dos Caboclos e Pretos Velhos.

Quando um Mestre da Luz que me tutelava revelou-me que eu poderia participar de uma falange de trabalhadores espirituais, que se fundamentava nos Orixás, senti-me muito feliz e logo aceitei.

Foi quando fui apresentado a três chefes de falanges que começaram a me ensinar a “magia baiana” e todas as iniciações necessárias para eu ser um trabalhador reconhecido pelos Orixás.

Mais interessante é que eu teria a liberdade de usar meus conhecimentos e mandingas que havia aprendido na minha experiência como médium na Terra, claro que com algumas reciclagens e crivado sempre na ajuda ao próximo.

No dia em que fui assumir meu “cargo”, ou seja, receber o nome simbólico e grau, por ironia do destino fui assentado na falange Zé da Peixeira, achei um desafio, jamais esquecerei a ferramenta que me tirou precocemente da carne, tampouco esquecerei o motivo maior, meu descontrole emocional.

Na ocasião conheci centenas de companheiros que na sua última passagem viveram no Rio de Janeiro, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, enfim, tinha brasileiro de toda parte, estranhei, pensei que seria uma linha exclusiva de baianos verdadeiramente baianos. Daí que meu tutor explicou o conceito de Grau e que os Baianos seriam uma nova linha que apareceria nos terreiros em breve, este nome simbólico seria inicialmente uma homenagem ao Brasil, por ser esta religião brasileira e comporia este grau espíritos brasileiros, independente da raça, estado ou cor, teriam o arquétipo baiano que aprenderiam nos treinamentos e estudos. Na Bahia começou o Brasil, e como deveríamos ter um Grau para espíritos intermediários entre Caboclos, Pretos e os encarnados e com identidade nacional então criou-se a Linha dos Baianos que retratam o brasileiro, livre e feliz.

Pai Oxalá junto de Mãe Yansã sustentam esta Linha, ou melhor, sustenta este Grau, mas tem baiano trabalhando sob a vibração de todos os Orixás. Posso dizer que somos a Linha mais eclética e aberta. Muitos confundem-nos com Exu, criam teorias das mais absurdas nessa idéia, mas tudo bem, o tempo lhes ensinará a separar as coisas.

Óia “bichinho”, to agradecido por ler esta minha história, desculpe a brevidade, noutra oportunidade podemos nos aprofundar, mas deixo aqui o axé da Bahia.
Sou Baiano, sou Brasileiro, sou Zé da Peixeira, salve todos Santos da Bahia!

Nota do Autor Físico: “Lá na Bahia não se brinca com Baiano... Quebra coco, arrebenta a sapucaia, quero ver quem pode mais...” Saravá os Baianos. Quando estes chegam ao terreiro é só festa, mas saiba uma festa séria, com sentido e bom senso. Com a alegria e o desprendimento típico baiano, estes mensageiros conseguem desbloquear nossas defesas e nos envolvem em seus trabalhos, conseguindo assim com seu jeitinho o objetivo que é falar ao nosso coração.

Penso que o Sr. Zé da Peixeira já deixou bem claro como se fundamenta a Linha dos Baianos, que não é composta só por baianos, mas sim por brasileiros. Vale reforçar que quando vemos em algumas regiões manifestando gaúchos tomando chimarrão, noutro capixaba etc., ali temos espíritos daquela região usando a forma local para melhor se aproximar dos fiéis, porém estão sustentados pelo Grau Baiano.

Abaixo segue um assentamento da Linha de Baianos:

Materiais:

- 1 Alguidar Médio;
- 14 Coquinhos;
- 1 Coco Seco;
- 3 Fitas do senhor do Bom fim;
- 1 Dendê ;
- 4. Quartinha;
- 5. copo de Batida de coco;
- 6. cigarro de palha;
- É vela 7 dias bicolor amarelo/preto.

Encha até a metade da quartinha com azeite de dendê, feche e amarre uma fita de cada vez dando 7 nós fazendo seus pedidos e orações, ao amarrar faça o nó uma fita do lado da outra, para ficar envolvendo toda a quartinha como se tornasse uma saia. No alguidar coloque o coco, envolta do coco coloque os 14 coquinhos. O copo de batida fica ao lado da vela, acenda o cigarro

de palha e dê três baforadas, toda semana você firma este assentamento acendendo uma vela palito bicolor amarelo/preto.

Oração de assentamento: “Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde os baianos do astral possa se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso aos africanos de acordo com o meu merecimento. Peço que a força dos baianos esteja presente e receba minhas vibrações.”

Ps.: Este é um assentamento universal para a Linha dos Baianos, que pode ser consagrado a um Baiano específico ou deixar aberta de forma universal. Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados.

Salve todos os santos da Bahia!

Fonte: este texto faz parte da apostila que compõe o material de estudos do curso Arquetipos da Umbanda, desenvolvido e ministrado por Rodrigo Queiroz.

LINHA E ARQUÉTIPO DOS MARINHEIROS

(Por Rodrigo Queiroz /Ditado por Capitão dos Sete Mares)

“Ô Marinheiro de Aruanda, Marinheiro só
Quem te ensinou a nadar, Marinheiro só...”

- Odoyá Yabá! Salve Rainha do Mar! Salve Yemanjá.

Assim que diariamente eu me colocava de frente pro mar, quer seja a beira-mar ou sobre um navio. De fato fui um homem do mar, pertenci ao agrupamento naval brasileiro e sendo um militar em tempos de defesa no mar desencarnei, atingido por um canhão inimigo, naufragamos em alto mar.

Interessante foi que já no lado espiritual da vida continuei “submerso”, pois é, ainda no fundo do mar, estranhamente podia respirar e a movimentação nesta realidade era estranha, me encontrava na realidade aquática da vida.

Muitos como eu lá estavam, era uma cidade!

Após o processo de ser recebido, esclarecido e alocado naquela região, fui sendo preparado para não só mais louvar a Mãe D’Água, mas sim colaborar com sua atuação junto aos encarnados. E porque no fundo do mar?

Fui orientado que eu trazia na minha ancestralidade a presença desta Mãe e como na última encarnação também fui um homem do mar que aprendeu a lidar com os reverses da vida e que no

contexto geral me encontrava numa faixa evolutiva propícia a ser um trabalhado da luz, poderia eu colaborar no auxílio ao próximo.

Fui aprendendo a lidar com os seres aquáticos, elementais da água também conhecido na Umbanda como Povo D’Água. Conheci as “magias” e “mistérios” do mar e como usar isso em favor da humanidade.

Faço esta introdução sobre minha história, pois no geral com a maioria dos Marinheiros é assim que ocorre.

A Linha de Trabalho Marinheiros foi aberta para acolher aqueles que viveram no litoral ou em contato com a água, entram nesta classe os marinheiros propriamente, os ribeirinhos, canoeiros etc. Todo aquele que viveu e cultuou a água.

Na prática trazemos uma forte vibração da energia aquática que em contato com as forças nocivas dilui e purifica pessoas e ambientes. Gostamos de prostrar e trocando experiências orientamos os aflitos.

Vivemos “no fundo do mar”, uma dimensão aquática, por isso quando manifestados em solo seco ficamos a bambear, pois pra nós terra firme nos tonteia e a água nos deixa firme. Entenda isso como metáfora ou lenda, mas não jogue em nossas costas a sua bebedeira

ao alegar que tonteamos porque somos bêbados. Acaso isso é lícito na evolução espiritual???

Quando usamos o Rum ou Cachaça é para utilizar sua energia para variadas funções e jamais para suprir vício algum. Reflita sobre isso.

Muito poderia ser dito sobre nós, porém vou ficando por aqui, tem um navio lá fora apitando, já chegou a hora e já vou embora.

Que o véu da Mãe D'Água lhe cubra de luz e proteção, recebendo-te no seu colo amoroso, assim você se reconforta e se purifica.

Que Ela acolha sempre a Umbanda nos seus braços, porque assim estaremos seguros!

Fiquem em paz!

Nota do Médium: Salve os Marinheiros, Maré!

- sempre uma alegria a presença dos Marinheiro no terreiro, tem regiões que esta linha é mais presente e não por acaso nas regiões litorâneas e menos freqüente nos interiores ou sertões. Sobretudo ao estarem presentes trazem alegria e energia boa.

Vale ressaltar sobre a maneira "tonta" de andar que o médium comprova ao estar incorporado que a sensação é de como estar na proa de um navio, os pés ficam pesados e o chão se movimenta, impressionante!

Nesta Linha se apresenta alguns piratas também, que não é Exu como queiram alguns, porém trazem uma vibração mais densa e se ligam a desfazer trabalhos pesados que ativaram o mistério negativo aquático. Aproveito e deixo meu salve ao Sr. Zé Anzol um pirata que certa vez conheci num terreiro amigo.

Para atrair as vibrações diluidoras e energizadoras do Povo do Mar segue o assentamento.

Assentamento:

01 cumbuca de louça;

Sal grosso;

01 pedra Ônix;

01 pedra Água Marinha;

Fita cetim azul claro, branco e preto;

Rum;

Charuto;

Vela 7 dias bicolor branco/azul claro.

Coloque na cumbuca a pedra ônix do lado esquerdo e a água marinha do direito, cubra com sal grosso até a metade do recipiente e encha de água que também pode ser do mar.

Trance as fitas e amarre na cumbuca dando 7 nós.

Ao lado colo um copo com Rum. Acenda o charuto.

Dentro da cumbuca acenda a vela.

Oração de assentamento:

“Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde os Marinheiros do astral possam se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso aos marujos de acordo com o meu merecimento. Peço que a força dos Marinheiros esteja presente e receba minhas vibrações.”

Ps.: Este é um assentamento universal para a Linha de Marinheiro, que pode ser consagrado a um Marinheiro específico ou deixar aberta de forma universal.

Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados.

Maré meu Marujo!

Fonte: este texto faz parte da apostila que compõe o material de estudos do curso Arquétipos da Umbanda, desenvolvido e ministrado por Rodrigo Queiroz.

LINHA E ARQUÉTIPO DO POVO DO ORIENTE.

(Por Rodrigo Queiroz /Ditado por Monge Yamashida)

Receba meus votos de Paz e Luz!

Com alegria que venho em nome de um “povo” falar sobre nossa existência e organização aqui do lado espiritual. Não é novidade pra nenhum Umbandista a presença da Linha do Oriente ou mesmo “Povo do Oriente”. Tão anterior á manifestação oficial desta religião em solo brasileiro somos também um povo que compõe parte da administração deste movimento religioso no lado etérico.

Os espíritos que atuam neste campo são muitos daqueles que viveram em terras já extintas e por todo o Oriente propriamente dito. Seguimos as orientações e ensinamentos de nossa Luz Interior, esta é a presença divina em nós, é o Deus que em nós habita e que faz de cada um de nós o Co-criador da Criação.

A evolução que o Ocidental tanto busca esperando que venha algo externo, um ser, uma força, um alguém é um equívoco. Respeitamos toda crença, porém alertamos sobre a certeza da frustração. Não há nada nem ninguém que possa fazer algo por ti, a não ser você mesmo. Portanto, atente ao princípio do mergulho em si, garimpe seu intimo, sua alma, sua consciência... Investigue por onde andas a Luz que está no seu interior.

Quando compreender estas palavras, terá encontrado o sentido da existência, de que você não é mais uma parte do Todo, você é único, como tal, peça fundamental para o equilíbrio do Universo e mais que isso, você como um ser que traz o gene do Divino, divino também é. Permita-se repudiar os vícios e informações equivocadas do meio que habitas, medite no silêncio do seu interior e como Co-criador do Universo então construa um habitat melhor para si e para todos. Auxilie no despertar do próximo a lição de que somos todos

um só e o Universo age em unidade ainda que muitas partículas deste Todo insistam na prática do Caos.

Serene, pense e verbalize.

O Oriente não é uma demarcação geográfica como muitos tentam apregoar. O Oriente é um estado de consciência, de percepção sobre o Todo.

Não acredite que quando encontrar sua Luz Interior, saberá que a encontrou, não. Sinalizo que a busca constante da Luz Interior é um bom exemplo daquele que se ilumina da própria Luz.

Medite sobre isso, irmãos de Luz.

Namastê!

Nota do médium:

Minhas reverências ao irmão de Luz Yamashida por esta lição. Assim então é o Povo do Oriente, espíritos que se apresentam na roupagem de orientais mas que no entanto não é regra, ficando a orientação que para ser um guia do Oriente precisaremos ter alcançado nossa soberania consciencial e ser parte consciente da Criação. Nos terreiros muitos se apresentam como Chineses, Tailandeses, Japoneses, Indianos, Egípcios etc. Valendo assim neste aspecto a posição geográfica dos povos.

Não é tão comum estas aparições como uma linha de trabalho, salvo médiuns específicos dentro dos terreiros que tenham a abertura para a manifestação dos mesmos. Quando incorporados estes estimulam muito a meditação, atuam na cura como um todo e falam muito do esoterismo.

LINHA E ARQUÉTIPO DAS CRIANÇAS.

(Por Rodrigo Queiroz /Ditado por Pai Zuluá de Aruanda)

Na Sua imensa Sabedoria e Perfeição, Olorum através dos Mestres Iluminados ao idealizarem a Umbanda como caminho ao seu encontro não esqueceu das crianças. Seres infantis que vivem no astral e no físico. Preocupados com a formação dos pequeninos encarnados, que precisam desde tenra idade ser envolvidos pela consciência de evolução e transcendência da alma é que se formou no astral de Umbanda, uma estrutura complexa de suporte aos encarnados, a linhas das crianças ou dos Erês como é comumente conhecido.

Neste “agrupamento” agrega-se duas classes de espíritos. Um é a situação de espíritos que saem do quinto plano da evolução para encarnar pela primeira vez e por algum motivo acaba retornando ao plano espiritual ainda na fase infantil. Como a sua estrutura mental não configurou a fase adulta, pois não a alcançou neste novo estágio então manter-se-á infantil até que novo reencarne ocorra e possa este espírito vivenciar todas as fases da experiência “vida terrena”. Porém até que isso ocorra este espírito vêm para uma colônia dar continuidade a outras atividades, podendo muitos interagir com os encarnados através da mediunidade. Como são infantis e não tiveram o acesso aos “vícios e paixões” terrenos

então ainda se mantêm puros energeticamente facilitando o trabalho espiritual típico desta linha que é a cura e a limpeza psíquica, este último é uma habilidade “exclusiva” desta linha. São habilidosos ao tratar da estrutura forma pensamento negativa. Para concluir este primeiro ponto deixo reforçado que estes são espíritos humanos que desencarnaram crianças na sua primeira encarnação.

Uma outra presença mais massiva é a dos Encantados, ou seja, espíritos da quinta dimensão que não encarnaram e não são da natureza humana e sim encantados. Estes seres é que compõem o maior número de entidades que se manifestam nos terreiros como crianças e são mesmo, pois são espíritos infantis do reino encantado. Que se preparam exaustivamente para interagir com os encarnados. No entanto muitas situações da realidade humana estes seres não compreendem e não participam e tampouco entendem sentimentos viciosos dos humanos. Estes interagem com os encarnados pois focam primeiramente as crianças encarnadas, por uma questão de afinidade natural e depois é que vão se preocupar com os adultos. Sua energia é puríssima, pois na realidade em que vivem não existe estes infinitos cruzamentos energéticos como na dimensão humana.

Os encantados se dividem entre os quatro elementos primários que é: terra, ar, fogo e água. É perceptível isso quando incorporados, pois percebemos nos infantis da terra uma postura mais sisuda, nos do fogo uns verdadeiros espoletas, nos do ar bastante brincalhões e nos da água são chorões e de certa forma manhosos.

Logo, o arquétipo desta linha de trabalho é a criança, oferecendo desta forma um campo fértil para o desenvolvimento da fé nas crianças terrenas, pois quando crescerem e saírem da faixa infantil esta linha já não lhe atrairá tanto, no entanto a semente da espiritualidade estará lá plantada e germinando uma frondosa árvore no caminho da evolução espiritual. Não esqueça Umbandista, a religião oferece uma estrutura perfeita de crescimento, explore melhor a linha das crianças e garanta o futuro iluminado da Umbanda.

Salve as Crianças!

Saravá!

Nota do Médium:

Salve Pai Zuluá que neste objetivo discurso nos apresenta com clareza a realidade sobre esta linha. Há quem pregue que as crianças na Umbanda seria espíritos adultos que tomam a forma infantil para interagir demonstrando a inocência e a alegria de viver. E percebemos agora que isso é um contra senso, oras, como podemos manifestar a inocência sem tê-la verdadeiramente em nós? Então o que vale é o fingimento? O fazer de conta que é? Qual propósito final? Pois é, perguntas e mais perguntas. E este texto apresenta que na Criação não tem faz de conta e no plano espiritual não existe falsetas, ou é ou não é. Assim, viva as crianças! Cuidemos de nossas crianças e vamos garantir não só o futuro da religião bem como da humanidade.

Salve Zezinho!

Assentamento:

Brinquedos;

Cesta de vime;

Doces;

01 vela sete dias bicolor Rosa/Azul Claro;

07 punhos de fita de cetim (branco, rosa, verde, marrom, vermelho, lilás, azul claro);

Incenso de flores;

Refrigerante;

Dentro da cesta coloque os brinquedos e doces, na alça amarre as fitas uma ao lado da outra. Num copo coloque o refrigerante. Acenda a vela e o incenso. Peça alegria, paz e saúde. Toda semana acenda uma vela bicolor e renove o refrigerante.

Oração de assentamento:

“Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde as Crianças do astral possa se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso aos encantados de acordo com o meu merecimento. Peço que a força dos infantis esteja presente e receba minhas vibrações.”

Ps.: Este é um assentamento universal para a linha de Crianças, que pode ser consagrado a um Criança específica ou deixar aberta de forma universal.

Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados.

Eni beji!

LINHA E ARQUÉTIPO DOS MALANDROS.

(Por Rodrigo Queiroz /Ditado por José Pelintra)

Seu Zé Pelintra onde é que o senhor mora...

Eu não posso te dizer, porque você não vai me compreender...

Eu nasci no Juremá, minha mora é bem pertinho de Oxalá!

Din din din, din din din, risca o ponto! Malandro cruzado no meio do terreiro chegou, chegou Zé Pelintra que veio do lado de lá, fumando e bebendo gritando vamos saravá!

Saravá a todos do lado de cá! Saravá Umbanda, o Catimbó, as Macumbas e o Candomblé! Salve aqueles que são de salve e aqueles que não o são!

De tanto que somos marginalizados por aqueles que deveriam era nos prestar reverência ou mesmo o respeito por estarmos tão próximos para o que der e vier. Nós os “malandros” do astral fomos confundidos com os marginais do além.

Para quem ainda não entendeu, os Zés da Umbanda são espíritos comuns a cada um de vocês. Humanos por natureza, errantes, com defeitos e virtudes que na bondade do Criador podemos interagir com nossos companheiros encarnados afim de na troca de experiências agregar luz e evolução na história de cada um.

Zé Pelintras, Zé Navalha, Zé da Faca e tantos “zés” formam esta corrente ou linha de trabalho que chamamos de Linha dos Malandros. Justamente pela falta de informação fomos chegando na Umbanda de “fininho” na boa malandragem pra não incomodar ninguém. Quando “batíamos na porta” de um terreiro que nos desconhecia, se era da percepção do dirigente que devíamos manifestar na linha dos exus, assim fazíamos se pensavam que éramos baianos, tudo bem, ali estávamos. Entre acertos e erros, contradições e tradições fomos sendo aceitos, percebidos e procurados. No entanto engana-se aquele que pensa que surgimos do nada ou para nada, não, não. Já bem antes da Umbanda estávamos lá comandando o Catimbó, muitos ainda estão, diria que esta é nossa origem, mas como afirmar a origem daquele que não é original, pois é, somos o retrato da miscigenação racial e cultural que impera em todos os cantos deste Brasil, terra de Deus!

Somos aclamados como Doutor, curador, conselheiro, defensor das mulheres e dos pobres. Por outro lado também somos rechaçados e “exterminados” na consciência de alguns que insistem em nos colocar no patamar dos “demônios” e espíritos viciados e aloprados. Ora, este que nos maldiz é aquele mesmo que nada entendeu sobre Deus e seu amor na Sua Criação! Deixe que falem, desde que fale.

O certo é que somos o retrato e a realidade da classe menos favorecida, somos a periferia, os menos favorecidos, os esquecidos, aqueles que se não é o jogo de cintura da criatividade humana, jamais persistiria vivendo, entende agora o que é nossa malandragem? Também digo que vivemos na periferia de Deus, claro, ainda temos muito que fazer para ir até o centro. E daí? Tá tudo certo camarada. Sabemos a que estamos e livre das ilusões que tanto aplaca a mente de vocês encarnados. Olha, sabe de uma coisa? É bom demais o lado de cá!

Dos Catimbós do Nordeste aos terreiros de Umbanda de todo Brasil! Isso é ascensão...

Por fim camarada, tenha em mente que estamos para ajudar a quem queira. Defendemos sim os mais pobres e sofredores, pois sabemos o que é a dor da fome e da perdição. Secaremos sempre as lágrimas daqueles que sofrem e isso basta.

Dentro do meu chapéu levo meu mistério, na fumaça de meu charuto transporto minha magia, na gargalha encanto meu povo, no meu terno branco reflito o que sou e na minha gravata vermelha quebro o mal olhado na força de Ogum!

Para aqueles que nos abrem alas, obrigado!

Nota do Médium:

Salve sua força camarada! Pois é leitor, a Linha dos Malandros, como posso dizer é bem nova neste formato organizado, no entanto de forma esparsa e independente estes companheiros já se manifestam na Umbanda há muito tempo e são anteriores ao

surgimento da religião. Detendo grande importância nos Catimbós e Macumbas Cariocas. São “mandingueiros” do bem e manifestam um incrível senso de humor em suas manifestações. Chamam logo atenção de todos e arrebanham facilmente pessoas ao seu convívio.

Seu arquétipo é da classe social mais sofrida e menos abastada. Retratam mesmo aqueles que viveram no morro, na marginal, na periferia. São marginalizados, no entanto não são marginais. Exemplo daquele que apesar do sofrimento e das dificuldades teve sabedoria para tirar humor da dor e driblar o baixo astral.

Defensores naturais das mulheres que sofrem com o aprisionamento machista parecem até galanteadores, mas nunca perdendo o bom senso do respeito. Estão afinados com a classe a qual formam seu arquétipo.

Mandingueiros, sabem muito bem como combater as Trevas e desmanchar feitiçarias e magias negra.

Não são baianos, não são nordestinos, não são rótulos, pois são o que são, um agrupamento de espíritos que tiveram a experiência de pobreza ou algo do tipo por todo esse país, que depois do desencarne e já conscientizados tiveram a oportunidade de retornarem nos cultos mediúnicos para continuar o progresso evolutivo.

Firmeza:

01 imagem do Zé Pelintra (ou de um malandro específico);

01 copo pequeno (conhaque);

07 fitas finas de cetim vermelho;

01 charuto;

01 cerveja branca;

01 vela de 7 dias vermelho.

Banhe a imagem com a cerveja. Molhe as fitas no conhaque e as amarre no pescoço da imagem dando 7 nós. Mantenha sempre o copo com conhaque e charuto.

Toda semana acenda ao menos uma vela palito vermelha. Na ocasião troque o líquido. Sempre que fizer esta firmeza semanal, pegue o charuto e dê três baforadas, concentrado nos pedidos e orações.

Oração de Firmeza:

“Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde os Malandros do astral possam se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso aos “zés” de acordo com o meu merecimento. Peço que a força dos malandros esteja presente e receba minhas vibrações.”

Ps.: Este é um assentamento universal para a linha dos Malandros, que pode ser consagrado a um Malandro específico ou deixar aberta de forma universal.

Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados.

Saravá os Malandros, salve Zé Pelintra!!

LINHA E ARQUÉTIPO DO POVO CIGANO.

(Por Rodrigo Queiroz /Ditado pelo Cigano Vasconceloz)

“Eu vinha, caminhando a pé...

Só pra ver se encontrava, a minha cigana de fé...”

Kali Yê!

Que a luz suprema da Senhora Kali ilumine o coração de todos!

Muito se questiona sobre a origem de nosso povo. Ou mesmo do que se trata realmente esta linha.

Não temos um ponto de origem. Por isso jamais será possível alguém classificar com precisão comprovável nosso ponto de nascimento. Assim tem que ser.

Diria que Ciganos é mais que um povo propriamente dito, mas sim um costume, uma tradição que rompe a vida humana e grita alto na alma daquele que por algum momento se deparou com os mistérios livres da existência.

Liberdade é o que traduzimos. Quando não temos o interesse de divulgar nossa origem isso reforça a idéia de liberdade, ou seja, não estamos presos a um ponto que deveremos convergir.

Somos o pó da estrada, o vento que sopra a areia do deserto, o canto que vibra na alma de todos e o brilho do sol a iluminar o horizonte.

Em nossa manifestação tentamos projetar o sentido de ser livre. De ser e estar hoje, amanhã tudo flui diferente. No movimento da vida hoje somos diferente de amanhã. Nesta mobilidade a água traduz nossa essência.

Não escrevemos nada. Deixamos herdeiros de um sangue transitório. Quem é cigano? O que é ser cigano? Busco até hoje a resposta e na busca vou sendo um cigano.

Talvez cigano seja a tradução do espírito de busca do indivíduo humano.

Buscar é a nossa sina, e o que busco? O que tu buscas?

Muitas são as tribos, clãs, famílias e grupos. Nomes e mais nomes e origens. É certo, que toda pesquisa e esforço da razão é válida, porém que os fragmentos que ora traduz algumas pistas e ora outras apresentem conflitos sirva no fim para reforçar a idéia de que não há origem para ações que ocorrem simultaneamente em vários pontos do planeta como uma extravasão do espírito humano.

Dizem que no século XI tem registros de nossos costumes, também no século XIII, outros datam antes de Cristo e nenhum confirmam absolutamente nada. Acontece que em tempos muito distantes o povo, a grande massa era oprimida, subjugada e sofria toda sorte de violência por parte daqueles que detinham “poder”. Então o surgimento de um protesto de liberdade silencioso, mas praticado foi um aflorar natural no peito do povo.

Sobre nossos “mistérios”, são o que são. Nossa “magia” a “encantaria” talvez seja tudo o reflexo de nossa felicidade. Por termos alcançado a tal liberdade.

Não somos de nenhum lugar, não pertencemos a nada e a ninguém. Somos “nômades”, mas por onde passamos, hei de voltarmos.

Desta forma, muitos espíritos atingiram um grau de evolução capaz de possibilitar a comunicação com os encarnados a fim de traduzir através de “nossos” costumes orientações aos indagadores. Logo, o arquétipo na linha de trabalho está mais baseada no movimento flamenco, do que qualquer outra coisa, mas todos aqueles espíritos que são livres e libertadores com história de vida parecida ou com a busca da mesma causa, detendo conhecimentos práticos do oráculo e encantos, será abrigado na linha dos ciganos.

Em nossa manifestação muito música, alegria, sorrisos e um verdadeiro culto á alegria.

Nossa aparição na Umbanda foi inevitável. Precisávamos trabalhar e somente a Umbanda se mostra como um movimento de manifestações espirituais sem dogma, sem cúpula, sem origem definida. Tem tudo haver conosco. Então não somos da Umbanda e nem a Umbanda é nossa, nos emprestamos mutuamente para o melhor de tudo que nos envolve.

Assim, vamos com nossa carruagem, caminhando em nossa estrada, erguemos nossa tenda onde nos for permitido e ali conviveremos em momentos de paz e alegria, quiçá de revelações. Batendo nosso pandeiro e tocando nossa viola, somos então o som do amor. Fique com nossa força e conte com nossa companhia.

Kali Yê!

Quem comanda esta linha? Ninguém! Esqueceu que somos livres?

Nota do médium:

quando começamos a ler este texto, a sensação que se dá é que teremos algum esclarecimento sobre a linha dos ciganos, agora lendo ao fim, a sensação real é de que nada mudou, ou seja, continua tudo confuso (risos). Sobretudo o que nos chega é que o povo cigano faz questão de manter este véu de mistério, assim conserva a sua magia natural. O que acho importante elucidar é que no trabalho prático desta linha está a força prosperadora. Eles atuam muito na questão financeira e profissional, orbitando um tanto nas questões amorosas.

Assentamento:

01 Tacho de cobre;

77 moedas douradas ou cobre de valor corrente;

07 Grãos de noz moscada;

01 taça de cobre;
01 vela 07 dias laranja;
21 folhas de louro;
Cigarrilha;
Rum e Vinho Tinto.

Coloque as moedas dentro do tacho. Ao redor da vela coloque as folhas de louro e a noz moscada. Na taça coloque o vinho e noutra o rum. Acenda a vela e dê três baforadas nos elementos chamando pelo povo cigano.

Toda semana acenda ao menos uma vela laranja. Na ocasião troque o líquido. Sempre que fizer esta firmeza semanal, pegue a cigarrilha e dê três baforadas, concentrado nos pedidos e orações.

Oração de assentamento:

“Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde o Povo Cigano do astral possa se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso aos ciganos de acordo com o meu merecimento. Peço que a força dos ciganos esteja presente e receba minhas vibrações.”

Ps.: Este é um assentamento universal para a linha de Ciganos, que pode ser consagrado a um Cigano (a) específico ou deixar aberta de forma universal.

Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados.

Kali Ciganos!

LINHA E ARQUÉTIPO DOS GUARDIÕES EXU.

(Por Rodrigo Queiroz/Ditado por Sr. Tranca Ruas das 7 Encruzilhadas)

“Exu de Umbanda é um espírito humano que sofreu sua queda, se redimiou e trabalha nas Trevas em prol da Luz, na busca de sua evolução em auxílio dos encarnados.”

- ❖ Salve tu “cabra”!
- ❖ Salve vós Exu!
- ❖ Então escreve aí... Já que tanto se fala sobre nós e pouco se consegue entender vou tentar colocar minha colaboração.
- ❖ Obrigado Exu!
- ❖ Somos vocês amanhã. Há há há. Se é que deu pra me entender. Somos como vocês, vivemos uma série de oportunidades terrenas, quando se chegou num determinado “limite” a oportunidade de evoluir na carne estava esgotada, por incompetência nossa mesmo.

Vou organizar o raciocínio. De maneira coletiva, Exu na Umbanda, este que incorpora é um espírito humano e digo isso pra poderem começar entender que somos totalmente diferentes do Exu cultuado na África através do Culto de Nação e no Brasil através do Candomblé que neste caso são Encantados e isso é outra história.

Em nosso caso somos um espírito comum. Que viveu sua experiência pessoal e num certo momento de fazer o “acerto de contas” o saldo estava negativo. Assim negativo tornou-se o nosso espírito. Desta forma somos enviados para as faixas negativas que no seu conjunto é chamado de Trevas. Cada qual dependendo do seu histórico vai habitar uma faixa própria pertinente à seu caso.

Então vou falar por mim.

Depois de eu ter amargado meus erros. Saiba que o purgatório existe. Já mais conscientizado da realidade existencial fui convocado para assumir um grau e trabalhar numa falange de espíritos que ainda vivem nas Trevas, numa faixa limite entre Luz e Trevas e que atuam junto ao plano físico fazendo a fronteira entre a Luz e a Escuridão e diria que pertencemos ao “Sol poente”, pois o espírito que assume o grau de Guardião ou Exu como usado na Umbanda não está mais mergulhado na escuridão e tampouco vive na luz, estamos do limiar destas duas realidades.

- ❖ Entendo ...
- ❖ Pois então... Somos trabalhadores das Divindades, na Umbanda conhecidos como Orixás, mas nós Guardiões do Astral não somos um “produto” da Umbanda, estamos entre os seres humanos em todas as vertentes religiosas ou não. Nas casas, estabelecimentos comerciais, públicos, natureza etc. Lá estamos nós.
- ❖ Mas Exu, vocês podem, por exemplo, fazer a guarda de uma igreja evangélica?
- ❖ Se não fosse nós quem o faria? O “espírito santo”? Há há há. Cabra, do lado de cá não tem esta briga sobre o Divino e Guardiã é um grau do espírito humano e não um privilégio de uma ou outra vertente religiosa. Pertencemos ao Criador e estamos espalhados por todo o planeta e somos desta forma um cinturão de proteção planetário.
- ❖ Mas e vocês fazem a guarda de uma igreja vestidos como no terreiro?
- ❖ É claro que não! Pra cada lugar uma forma própria. Já pensou quem tem o dom do espírito santo ver um Guardiã com tridente na mão? Há há há. Seria uma loucura. Neste caso ficamos de terno e gravata. E como disse, para cada caso um forma própria.
- ❖ E onde entra os Orixás neste caso?
- ❖ No mesmo lugar onde entra os Devas, os Santos e os Deuses...
- ❖ Como assim?

- ❖ Cabra, cada vertente religiosa tem sua forma própria de interpretar e rotular o Criador e seus “braços”. Uns chamam estes “braços” de Orixás, outros de Santos, outros de Deuses e por aí vai.
- ❖ O que não se pode esquecer é que a essência é uma só.
- ❖ Mas sempre esquecem, não é Guardiã?!?
- ❖ É sim. Até então é normal. No entanto, tudo que há debaixo do Sol está “subjugado” a Ele e é tudo uma consequência Dele. Deu pra entender?
- ❖ Sim e não!
- ❖ Bom, os nomes que levamos na Umbanda são simbólicos e retratam de forma analógica qual a ancestralidade e campo de atuação do espírito. Eu sou Exu Tranca-Ruas das 7 Encruzilhadas, logo, sou um espírito que desenvolvi uma capacidade “EXU”, que na energia da Divindade de mesmo nome é a força que vitaliza e desvitaliza tudo no Universo. Tranca-Ruas é um símbolo de Ogum, pois tudo que abre também fecha e 7 Encruzilhadas é um símbolo de Oxalá pois é o cruzamentos das sete linhas do Criador cultuado na Umbanda como Sete Linhas de Umbanda que quando manifestado cria uma estrutura religiosa e estimuladora da Fé, por isso então ser um símbolo de Oxalá. Logo eu sou um espírito do Grau Guardiã que vitaliza e desvitaliza a Ordem-Desordem (Ogum) no aspecto Religioso-Fé (Oxalá) do ser humano.
- ❖ Nossa! Tá certo Exu e como se forma o arquétipo de exu na Umbanda?
- ❖ Pois é nosso arquétipo é baseado mesmo na milícia, na organização militar, policial mesmo. Pois a guarda é o que fazemos e o combate aos espíritos desordeiros é o que executamos e não temos nada de ignorante ou trapaceiro, tampouco demoníaco. Chifres, rabos e bagunças fica a cargo da criatividade e imoralidade de vocês encarnados.
- ❖ Diferente dos outros arquétipos baseado no Brasil, Exu não entra nesta categoria, pois Exu está para todas as nações e é uma questão de Grau e consciência.
- ❖ Somos então o que chamam de Exu de trabalho ou pessoal. Queremos ajudá-los até onde vocês nos permitem.
- ❖ Esta permissão deve ser consciente?
- ❖ De forma alguma. Ela acontece de acordo com a moral de vocês!
- ❖ Então devem estar rara as permissões. (risos)
- ❖ Não ria, infelizmente é uma realidade que muito nos entristece. Portanto, isto é assunto pra outro momento.
- ❖ O que tem que ficar dito é isso. Registre corretamente e multiplique como puder e não esqueça o conceito: “Exu de Umbanda é um espírito humano que sofreu sua

queda, se redimiui e trabalha nas Trevas em prol da Luz, na busca de sua evolução em auxílio dos encarnados.”

- ❖ Muito obrigado Sr. Guardião. Laroyê!
- ❖ Saravá. Fique em paz.
- ❖ Salve!

Nota do Médiun: Salve a força de Exu! Penso que neste texto temos mais uma chamada de atenção do que mesmo uma explicação sobre o arquétipo. Na linha de Exu, o espírito que assume tal grau como comentado vai manter suas características e encontramos exus de todas etnias existentes. Tivemos notícia até de uma falange de Exus que são Samurais, naturalmente se manifestaram num terreiro que está no Japão. E poderemos ver estas particularidades em outros países. Porém sempre encontramos nos terreiros exus contando suas histórias e narrando que eram europeus, ou africanos ou orientais etc. E o arquétipo fica baseado então na Milícia, pois é o que são.

Vale ressaltar que Exu não é um espírito que precisa ser “doutrinado”, ou que é um ignorante arruaceiro, por favor, vamos afastar estes conceitos depreciativos de dentro dos terreiros. Não confundir animismo e mistificação com uma manifestação real de Exu. Estes espíritos quando chegam ao ponto de assumirem a esquerda de um médium já foram devidamente preparados e conscientizados para tanto. O contrário disso seria o mesmo que mandar um soldado pra guerra no primeiro dia de exército, sem nunca ter pego numa arma e tampouco feito uma marcha, ou seja, desastre na certa.

Assentamento:

01 garrafa de boca larga de vidro (gatorade);
01 pinga;
01 tridente quadrado;
01 pedra ônix;
palha da costa;
erva pinhão roxo;
mel;
01 vela 7 dias preto;
01 fita cetim preto fina 50cm;
01 charuto;
incenso de patchouly

Preparo: coloque dois dedos de mel na garrafa, coloque a pedra, a erva e a pedra. Encha com a pinga. Tampe (tampa de metal) e fure a tampa com o tridente que deverá ser fincado até tocar no mel e as pontas ficam pra fora. No meio da garrafa amarre a fita com sete nós. Acenda o incenso e o charuto dando sete barofadas. Acenda a vela.

Toda semana acenda ao menos uma vela preta. Sempre que fizer esta firmeza semanal, pegue o charuto e dê três baforadas, concentrado nos pedidos e orações.

Troque os ingredientes trimestralmente, podendo manter apenas a garrafa, a pedra e o tridente.

Mantenha fora de casa.

Oração de assentamento: "Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde a força de Exu possa se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso aos Guardiões de acordo com o meu merecimento. Peço que a força dos Exus esteja presente e receba minhas vibrações."

Ps.: Este é um assentamento universal para a linha de Exu, que pode ser consagrado a um Exu específico ou deixar aberto de forma universal. Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados!

LINHA E ARQUÉTIPO DAS GUARDIÃS POMBA GIRA.

(Por Rodrigo Queiroz/Ditado por Sra. Maria Padilha)

"Uma rosa cor de sangue, cintila em suas
mãos, Um sorriso que nas sombras não diz
sim nem não, Põe na boca cigarrilha e se
acende um olhar,

Que nas Trevas sabe o bem e o mal pra quem quiser amar...."

- ❖ Olá moço! Salve!
- ❖ Minhas reverências Senhora!
- ❖ Moço coube a mim falar um pouco de nós, vamos lá?
- ❖ Vamos sim, pode começar!
- ❖ Como o companheiro Tranca Ruas já adiantou sobre nossos nomes simbólicos e condição do Grau de um espírito redimido na seara da evolução vou me preocupar em tratar de outras coisas, certo?
- ❖ Senhora, sou apenas a sua mão, está tudo certo, você conduz como queira.
- ❖ Então vamos do começo. O termo Pomba Gira é mal compreendido e também não falarei disso, você faz isso depois, pode ser?
- ❖ Tá certo Senhora, no final eu coloco uma nota.
- ❖ Ótimo!
- ❖ Senhora, já que tentarei escrever sobre o termo do "Orixá Pomba Gira" vamos falar da questão prática, ou seja, do surgimento de vocês mulheres na força de exu, também conhecidas como Exu Mulher.

- ❖ Ah moço, ainda tem essa, né? Exu Mulher já é demais. Seria o mesmo que dizer Rodrigo Mulher ou coisa parecida. Mas entendemos quando criaram este termo era apenas para tentar explicar algo que desconheciam e demoraria ainda um bom tempo para se ter ferramentas e bons argumentos para melhor explicar nossa “aparição” nos terreiros.
- ❖ Entendido... E como isso se dá?
- ❖ Antes de “aparecermos” nos terreiros de Umbanda já manifestávamos em alguns lugares que nos permitiam como em alguns Catimbós, Macumbas Cariocas, etc. Não usavam o termo Pomba Gira, mas sim Princesa, Madame e coisas do tipo. Estas aparições eram rariadas e ficava a cargo de médiuns mulheres que se abriam a nós, no entanto poucas o faziam.
- ❖ E porque isso?
- ❖ A sociedade em que você vive é patriarcal, logo extremamente machista, hoje um tanto mascarado pela evolução tecnológica e globalizado, mas são essencialmente machistas, tanto é que ainda chamam Deus de Pai, figura masculina e estrutura patriarcal.
- ❖ Isso é verdade!
- ❖ E há um século atrás era muito pior e declarado este rebaixamento ao sexo feminino. Assim, aparecemos em peso nos terreiros na década de 60 nos juntando ao movimento feminista que neste país criou grande repercussão nesta época.
- ❖ Hummm, quer dizer que vocês vieram nos combater? (risos)
- ❖ Viemos combater a desigualdade moço, e continuamos fazendo.
- ❖ A Umbanda se mostra como um ponto de convergência para todos os meios menos favorecidos e oprimidos, não acha?
- ❖ É fato. Seu universalismo e sua meta é essa, por isso tem quem acredite que será a religião principal do futuro.

Continuando, por séculos a mulher era apenas coadjuvante existencial, sem muita importância, porém necessária e aquelas que tentaram mudar esta realidade foram mortas e ridicularizadas de alguma forma. Mas não ficarei aqui lembrando o passado, certo?

- ❖ Tudo bem.
- ❖ Esta realidade brutal se arrastou por séculos a fio e como já disse começou a mudar a realidade nos anos 60 aqui neste país. Quando aparecemos nos terreiros éramos o retrato de tudo aquilo que as mulheres sonhavam em ser, mas já tinham perdido a esperança. Também éramos tudo que os homens gostavam, mas combatiam covardemente.

- ❖ Não entendo. Temos notícias que vocês eram tratadas como ex-prostitutas, ex-marginais e ex-alguma coisa muito ruim e amoral.
- ❖ (gargalhada) Isso é o que tentaram dizer. Intriga dos covardes moço. (gargalhada)
- ❖ Então continue.
- ❖ Pois bem, nesta época, veja os retratos das mulheres nesta época. Eram opacas, pálidas, feias e amarguradas. A vaidade era abafada de todas as formas e sensualidade era algo que muitas vezes nem brotava no âmago da mulher. Um combate cruel contra a natureza.

E surge nós, mulheres independentes, firmes, alegres, risonhas, esbanjando sensualidade, sem papas na língua “afrontando” a covardia machista imperante. Confesso moço, viemos auxiliar a mulher para se livrarem deste cárcere emocional que viviam. Fomos muito combatidas, até hoje somos mas a luta já está mais fácil. Neste tempo não tachavam somente nós como seres amorais e todos adjetivos que possa imaginar, a médium caía na mesma vala. Se pra mulher incorporar uma pomba gira era um escândalo, imagine quando ocorria com um homem. Era raro, mas fazíamos questão de provocar estas situações.

No momento em que começamos aparecer nos terreiros e tudo isso foi cautelosamente pensado, nos preparamos e foi uma “invasão” coletiva, simultâneo. A médium que aparecia opaca no terreiro ao estar mediunizada por nós ficava linda, pois juntava sua sensualidade escondida com a nossa e aquela mulher virava um furacão. É certo que muitos casamentos acabaram por isso, porém muitos outros também foram salvos.

Nosso foco inicial era a mulher. Libertar o ser feminino do medo e da dependência foi e é nosso norte. Fazemos a guarda do movimento feminista. Reconheça que muito se conquistou assim.

Tínhamos que provocar, por isso quando nos perguntavam se éramos “putas” respondíamos com uma sonora gargalhada. Se éramos “bruxas” a mesma resposta. E quando cantavam que “pomba gira é, mulher de sete maridos”, a provocação estava feita. Pois era a situação inversa, ou seja, não o homem podendo a poligamia, mas sim a mulher subjugando vários homens sob seu feminilismo e encanto.

- ❖ Interessante...
- ❖ Árduo moço, muito árduo. Desde então nosso trabalho foi crescendo e se manifestando de forma organizada igual ao trabalho dos exus, somos a outra parte de exu que usando este termo abriga os seres masculinos no grau Guardiã de evolução e nós no termo Pomba Gira somos as mulheres no grau Guardiã de evolução.
- ❖ Quer dizer que o arquétipo de vocês também se baseia na milícia?
- ❖ Não, apenas representamos a mulher independente, capaz e livre. Somos como disse, aquilo que toda mulher busca ser e tudo aquilo que os homens gostam mas tem medo.

- ❖ É certo que existem algumas Pomba Giras que foram prostitutas e marginais.
- ❖ Sim é certo, como também existem Exus que foram a pior espécie de homens. Porém isto é um caso a parte. O que fomos pouco importa, pois no geral, como todos os encarnados, somos espíritos humanos que sofreram sua queda e já lúcidos retomamos nosso caminho de evolução, assumindo um grau e campo de atuação sob a regência dos Orixás e guardando a esquerda dos encarnados.
- ❖ Senhora é verdade que vocês são especializadas em fazer amarrações?
- ❖ Sim, da mesma forma que somos especializadas em transformar homens em gays (gargalhada). Brincadeira a parte moço, esta é mais uma colocação dos mal informados. Nós já estamos livres destes “vícios” emocionais e não praticamos nada fora do livre arbítrio que impera na criação Divina. Portanto, não somos amarradoras de nada e não decidimos sexualidade de ninguém. No entanto, somos especializadas em desfazer estas anomalias magísticas.

É isso moço, vamos parar por aqui e fica em síntese registrado que Pomba Gira são espíritos humanos femininos que estão num grau ao lado de exu e atuam principalmente no coração e na mente daqueles que de certa forma se permitem ficar acrisolados em suas próprias tormentas. Estimulamos o que o indivíduo tem de melhor, para que estes desejem ser melhores. Em nosso encanto e sensualidade mostramos que de tudo o que vale a pena é preservar a felicidade.

Fique em paz moço noutra oportunidade sentamos novamente.

- ❖ Muito obrigado senhora. Este é um assunto extenso e poderíamos fazer um livro com centenas de páginas, mas não é possível agora, então mais uma vez muito obrigado!
- ❖ Salve!
- ❖ Saravá Pomba Gira Maria Padilha.

Nota do Médiun:

Por um tempo tive resistência quanto ao trabalho de Pomba Gira, meramente por falta de informação, hoje entendo o suficiente para perceber seu papel fundamental e insubstituível num terreiro. Ainda assim quando achei estar pronto para incorporar Dona Padilha me surpreendi por não estar, pois é, na ocasião comecei sentir meu corpo mudar e me assustei, bloqueei e de certa forma mantive um trauma, um tempo depois ela se manifestou sem usar o mesmo artifício de me levar sentir fisicamente sua estrutura. Consciente na incorporação vivi um misto de vergonha e encanto, vergonha por me ver requebrado e encantado por ter a oportunidade de aprender e sentir um pouco mais deste universo tão complicado que é o ser feminino.

Também pude por a prova que espírito algum muda nossa orientação sexual ou coisa do tipo.

Quanto ao termo Pomba Gira, muitas são as discussões. Alguns dizem ser Pomba – um símbolo da genital feminina (vulva) e Gira – o fato dela dançar girando no terreiro, ou seja, uma espécie de vulva girante, faceira e por aí vai. A meu ver é um tanto preconceituoso e sem nexos esta “tradução”.

Outro ponto de vista muito provável é que Pomba Gira é uma variante de Bombojila, uma divindade africana não Yorubá equivalente a Exu que começou a ser cultuada no surgimento do Candomblé por conta da fusão dos Cultos de Nação em terras brasileiras. Como temos Exu representando os Guardiões na Umbanda teríamos que ter alguma referência para as Guardiãs, então resgataram Bombojila que num aportuguesamento forçado foi sofrendo variações fonéticas: Bombojila – Bumbojila – Bombo Gira – Pumbu Gira e Pomba Gira. Sabe com é leitor, isso é coisa de brasileiro! (risos).

Assentamento:

01 garrafa de boca larga de vidro (gatorade);
champanhe;
01 tridente redondo;
01 pedra ágata de fogo;
um botão de rosa vermelha;
erva artemísia;
mel;
01 vela 7 dias vermelho;
01 fita cetim vermelho fina 50cm;
01 cigarrilha;
incenso de patchouly.

Preparo: coloque dois dedos de mel na garrafa, coloque a pedra, a erva e a rosa. Encha com a champanhe. Tampe (tampa de metal) e fure a tampa com o tridente que deverá ser fincado até tocar no mel e as pontas ficam pra fora. No meio da garrafa amarre a fita com sete nós. Acenda o incenso e a cigarrilha dando sete barofadas. Acenda a vela.

Toda semana acenda ao menos uma vela vermelha. Sempre que fizer esta firmeza semanal, pegue o charuto e dê três baforadas, concentrado nos pedidos e orações.

Troque os ingredientes trimestralmente, podendo manter apenas a garrafa, a pedra e o tridente.

Mantenha fora de casa.

Oração de assentamento:

“Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde a força de Pomba Gira possa se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso às Guardiãs de acordo com o meu merecimento. Peço que a força das Pomba Giras esteja presente e receba minhas vibrações.”

Ps.: Este é um assentamento universal para a linha de Pomba Gira, que pode ser consagrado a um Pomba Gira específica ou deixar aberto de forma universal.

Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados!

LINHA E ARQUÉTIPO DOS EXU MIRIM.

(Por Rodrigo Queiroz/Ditado por Exu Mirim das Sete Encruzilhadas)

- ❖ Salve amigo!
- ❖ Salve, salve companheiro, como vai?
- ❖ Eu vou sempre bem amigo. Vim pra falar sobre nós.
- ❖ Estava aguardando a oportunidade, então vamos lá, o que tem pra nos dizer Exu Mirim das Sete Encruzilhadas?
- ❖ Vamos do início... Sabe amigo, por muito tempo julgaram nós como trombadinhas desencarnados, marginais e toda sorte de delinqüentes infantis.
- ❖ Ué, mas não são isso? (risos)
- ❖ Se não fosse sua risada já ia me retirar. A resposta é não, não somos e nem fomos.
- ❖ Mas há entre vocês esta classe de espíritos?
- ❖ Por mais que custem discussões intermináveis, tenho que falar que não, não é em nosso grupo de trabalhos que estes infelizes pequenos caídos vão cair.
- ❖ Então explique melhor Mirim, como se processa o surgimento de vocês, onde estão, porque aqui vêm?
- ❖ Entenda que este nome "exu-mirim" só existe aqui nessa religião de que manifestamos através da mediunidade, o "mirim" é porque somos pequenos mesmo, qualquer clarividente pode confirmar isso, mas se o clarividente for um bom observador poderá verificar que somos pequenos, mas não crianças como os Erês.
- ❖ O que são então?
- ❖ Pigmeus, isso mesmo, temos uma estrutura pequena, lembramos os anões só que sem deformações e pigmeus é o que somos.
- ❖ E por que quando incorporados se comportam como crianças?
- ❖ Desculpe amigo, mas garanto que não é um Exu-Mirim que está se comportando como criança, pois já disse, não somos. Acontece que por má informação por aí criou-se a idéia de que somos infantis e daí já viu, a relação médium-espírito é sempre complicada.
- ❖ É o tal do filtro!

- ❖ Isso mesmo, mas não tem problema, sempre lidamos bem com isso, enquanto estamos dando o suporte necessário ao médium ele pode até dar umas tropeçadas dessas, sempre tiramos de letra isso.
- ❖ Nossa Mirim, estou sentindo uma sensação de confusão com essas suas “revelações”.
- ❖ Hehehehe, tá mesmo? Que bom, fique tranqüilo que problema é conosco mesmo. Ou provocamos ou resolvemos.
- ❖ Tudo bem, deixe que falem e faça o que querem.
- ❖ Isso mesmo amigo, como eu disse, certas coisas é para bons observadores, que caia a máscara dos falsos “videntes” que mais vêem suas próprias fantasias que a realidade no seu nariz.
- ❖ Continue...
- ❖ Quando manifestado somos como viemos, brincalhões, extrovertidos e felizes, mas não confundir com “mal educados” ou “delinqüentes”.
- ❖ Claro.
- ❖ Pertencemos há uma dimensão que não é humana, porém muitos de nós já passamos por aqui no lado físico da dimensão humana. O povo pigmeu que por aqui passou veio com nossa estrutura “genética”.
- ❖ Mas eram vocês?
- ❖ Não, mas digamos que são primos distantes, o que muda é que vieram para a natureza humana e nós não temos esta natureza.
- ❖ E como falam nossa língua e podem interagir conosco?
- ❖ O grupo que vem para uma linha de trabalho com os humanos recebem por muito tempo treinamentos intermináveis e aprendemos “tudo” sobre vocês. Gostamos dos humanos que são tão complexos e simples para nós.
- ❖ Simples e complexos?
- ❖ É isso mesmo, um paradoxo. Isso que vocês são.
- ❖ E isso lhes agrada?
- ❖ Muito, somos muito curiosos e também outras atribuições nos liga a vocês. Exu e Pomba-Gira tem campos de atuação bem delimitado e nós trazemos em nossa natureza e função o que poderia chamar de ponte entre um e outro. Temos parte dos dois em nós e não somos humanos como dito.
- ❖ Por fim....

- ❖ Somos encantados preparados para interagir com os humanos fazendo a ponte entre Exu e Pomba-Gira sendo eles humanos e com a força natural ou a ligação com o “Orixá Exu”.
- ❖ Sei lá Mirim, esse papo tá ficando complicado.
- ❖ E quem disse que era pra ser diferente? Já não ouviu dizer que somos a complicação e solução pra isso?
- ❖ (risos) Sim já ouvi...
- ❖ Fazemos este trânsito. Porque Exu e Pomba Gira na Umbanda são humanos como você que caíram e estão no processo de retorno. Por conta disso, precisam de um “cordão” que os ligue à força Divina pura da estrutura “Trevas” que atuam.
- ❖ Por isso que dizem que onde tem um Exu trabalhando tem junto dele um Exu Mirim?
- ❖ Isso é verdade amigo. Mas não precisamos estar ali “fisicamente” pois estamos ligados o tempo todo de outra maneira.
- ❖ Tem quem pense que vocês são uma espécie de subordinados dos Guardiões.
- ❖ Outro erro, ninguém é subordinado de ninguém neste triângulo, Exu precisa de Pomba Gira que precisa de Exu Mirim que precisa de Pomba Gira que precisa de Exu que precisa de Exu Mirim. Entendeu?
- ❖ (risos) Acho melhor desenhar! (risos)
- ❖ Olha amigo, não entendo porque vocês complicam tanta coisa simples. Inventam um monte de besteira e não resolvem nada, só criam confusão.
- ❖ Lhe parafraseando, diria que tá faltando Exu Mirim na vida da galerinha aqui.
- ❖ Hehehe, digamos que sim...
- ❖ E o arquétipo, acaso tem algum pra vocês?
- ❖ Diria que não, mas vocês mesmo criaram, como símbolo pode fazer o arquétipo dos garotos e garotas que em tenra idade sofreram uma queda moral e comportamental. Até porque energeticamente quando eles passam pro lado de cá são reformados por nós. Lembrando que eles representam o descaso político e humanitário dessa sociedade encarnada no planeta Terra.
- ❖ Profundo isso Mirim.
- ❖ Achou amigo?
- ❖ (risos) Achei sim, mas nem vamos nos aprofundar nisso que então iria muitas páginas...

- ❖ Isso é verdade.
- ❖ E Pomba Gira Mirim, existe?
- ❖ E porque não existiria? Para tudo que é macho tem a fêmea, ou mudou alguma coisa na ordem da criação Divina?
- ❖ Tem razão...
- ❖ Só que diferentemente como é entre Exu e Pomba Gira humanos que têm seu campo de ação delimitado á natureza, nós Mirins nos entrecruzamos nas atribuições, um “invade” o campo do outro sem problemas.
- ❖ Então obrigado Mirim, foi muito interessante esta prosa.
- ❖ Não tem que agradecer amigo, estamos aí. E se complicar, pode nos chamar!
- ❖ Laroyê Exu Mirim!

Nota do Médiun:

Pra mim sempre foi estranho à linha dos Exu Mirim, apesar de trabalhar com eles regularmente. E por mais que se explique sobre eles ainda fica uma sombra, uma dúvida. Penso que é isso que movimenta eles, o revelado velado ou coisa do tipo. Desde que iniciei na Umbanda ouvi muitas coisas sobre Exu Mirim, dentre elas uma coisa repetida por muitos sacerdotes distintos é que o que Exu Mirim faz ninguém desfaz e que Exu Mirim descobre qualquer demanda ou magia negra. Fica mais fácil compreender isso agora. Pois sendo Exu Mirim uma entidade de uma dimensão diferente da nossa, tudo o que ele projeta está firmado numa dimensão inacessível a nós, por isso também ficam eles numa situação mais privilegiada tendo maior sucesso em “varreduras” nesta dimensão pra desfazer as demandas. Curioso, não?

Assentamento:

01 alquidar de barro;
pinga;
01 tridente quadrado;
01 tridente redondo;
doces;
erva arruda;
mel;
refrigerante;
vinho tinto
01 vela 7 dias bicolor preto/vermelho;
01 charuto;
incenso de patchouly

Preparo: Forre o alguidar com arruda, coloque os doces dentro do alguidar, o tridente quadrado do lado esquerdo e o redondo do lado direito. Misture num copo pinga com refrigerante, noutra coloque pinga e noutra vinho tinto. Acenda o charuto, a vela e o incenso.

Oração de assentamento:

“Divino Criador, Divinas Forças Naturais, Divinos Orixás, neste momento vos evoco e peço que imante este assentamento, consagre e o torne um portal por onde a força de Exu Mirim possa se manifestar, servindo de minha proteção e chave de acesso aos Mirins de acordo com o meu merecimento. Peço que a força dos Exus Mirins esteja presente e receba minhas vibrações.”

Ps.: Este é um assentamento universal para a linha de Exu Mirim, que pode ser consagrado a um Exu específico ou deixar aberto de forma universal.

Faça isto com fé e amor, terá ótimos resultados!

Desenvolvimento Mediúnico

Aulas 32.

O “Passe Espírita” e o “Passe Umbandista”

(Por Alexandre Cumino)

“A um médium é solicitado que conheça o mínimo indispensável para que possa realizar as práticas de Umbanda e seus rituais. Também é exigido que estude um pouco, porque só assim, entenderá tudo o que acontece dentro de um templo de Umbanda durante a realização das giras de trabalho.”

Rubens Saraceni [1]

A palavra “passe” tem origem no Espiritismo, codificado por Allan Kardec, e traz a idéia de “passar” ou “transmitir” algo a alguém. A doutrina codificada por Kardec tem base cristã e encontra no Evangelho as muitas passagens em que Jesus cura as pessoas e “expulsa” espíritos indesejados por meio da imposição de mãos. Algo que vamos encontrar em muitas outras culturas como a egípcia, a grega, a celta, a chinesa, a indiana ou em tradições indígenas e xamânicas. Estudiosos do passado e do presente se debruçam sobre os fundamentos científicos das técnicas de “passe magnético”, desde Hermes Trimegistro, Fo-Hi, Asclépio, Pitágoras, Hipócrates, Paracelso, Van Helmont, Mesmer, Du Potet e outros.

Na obra de Allan Kardec vamos encontrar (A Gênese, Cap. XIV, 1:14, 15 e 18) a descrição dos “Fluidos” e sua manipulação:

Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas por meio do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para os homens...

Pode-se dizer, sem receio de errar, que há nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros...

pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais como o dos desencarnados; transmite-se de Espírito a Espírito pelo mesmo veículo, e, conforme sua boa ou má qualidade, saneia ou vicia os fluidos circundantes...

No “Passe Espírita” o médium manipula estes fluidos por meio de técnicas que foram se desenvolvendo com o tempo. Aqui no Brasil devemos, principalmente, a Bezerra de Menezes e Edgard Armond, o método já consagrado e largamente utilizado em boa parte dos “Centros Espíritas”.

A padronização dos passes e outras práticas doutrinárias... foram providências adotadas na Federação Espírita do Estado de São Paulo para efetivar a unidade das práticas espíritas, assunto de alta relevância, levado ao Congresso de Unificação realizado em 1947 nesta Capital.

Estas são as palavras que “prefaciam” o título Passes e Radiações: Métodos Espíritas de Cura de autoria de Edgard Armond, 1950.

Podemos dizer que o conteúdo deste livro norteou e norteia até hoje o método e técnicas utilizadas no Espiritismo Brasileiro, em que o “Passe Magnético” subdivide-se por categorias como P1, P2, P3, P4. Além do Passe de Limpeza e da Auto Cura. A realização destes passes é feita por qualquer pessoa de boa vontade que tenha estudado o método, para algumas situações, no entanto é necessário certa sensibilidade ou dom mediúnico. A maioria dos métodos é explicada por uma corrente de energia/magnetismo e fluidos que estabelecem um circuito de forças entre “operador passista” e consulente (assistido). Dentro do processo são definidos alguns conceitos como a polaridade das mãos (direita = positiva, esquerda = negativa) e os centros de força, denominados de chacras por influência oriental, assim como a importância de um conhecimento básico sobre a fisiologia do corpo material e espiritual.

“Quando o Espírito é de elevada categoria, possui grande poder curativo, muito diferente e muito melhor que o que possui o magnetizador encarnado.” Edgard Armond [2]

O “Passe Umbandista” não é apenas um “passe magnético” ou material e sim um “Passe Espiritual”, aplicado por um espírito. Assim como Edgard Armond classificou diferentes métodos de aplicação do Passe Magnético para diferentes necessidades, também os espíritos que se manifestam na Umbanda aplicam métodos variados de acordo com a necessidade de cada consulente, dentro dos variados recursos que cada espírito guia entidade/mentor, possui. Sem esquecer que cada um recebe na medida de seu merecimento e afinidade, podendo um encarnado bloquear uma ação positiva direcionada a ele mesmo como consequência de sua postura mental. Pois muitos merecem, mas não estão abertos emocionalmente ou psicologicamente para receber o que a espiritualidade lhe oferece, por vários motivos como descrença, irritação, mentalidade crítica e posturas interesseiras desfocadas de um objetivo espiritual.

O “Passe Umbandista”, para além de “Passe Espiritual”, pode ser definido como a aplicação de um conjunto de técnicas mágico-religiosas, além de explorar todos os recursos possíveis de imposição de mãos, utiliza elementos e técnicas variadas e até inusitadas.

“Porém, enquanto nos centros espíritas usa-se o passe magnético, nos centros de Umbanda também se recorre aos passes energéticos, quando são usados diversos materiais (fumo, água, ervas, pedras ou colares, etc.) que descarregam os acúmulos negativos alojados nesses campos eletro-magnéticos... Nem sempre o que parece folclore ou exibicionismo realmente o é. Se os mentores dos médiuns de Umbanda exigem determinados colares de pedras, eles sabem para que servem e dominam seu magnetismo, assim como as energias minerais cristalinas irradiadas pelas pedras. Ervas e fumo, quando potencializadas com energias etéreas pelos mentores, também se tornam poderosos limpadores de campos eletromagnéticos.”

Rubens Saraceni [3]

A finalidade é de alcançar maior êxito de acordo com as necessidades, o merecimento e os recursos disponíveis. Cada entidade tem a liberdade de aplicar a técnica que lhe aprouver, desde que dentro dos limites de ética, bom senso e respeito. Embora haja um conjunto de métodos e recursos característicos da Umbanda. Muitas entidades, em especial os pretos velhos, por

exemplo, realizam o benzimento, que se distingue do “Passe Magnético”, por empregar uma ação mais relacionada ao poder do verbo, elementos e simbologia, considerada “Magia Popular”. Também é possível identificar métodos complexos de Magia Riscada (Magia de Pemba), abrindo espaços mágicos (Pontos Riscados) que muitas vezes lembram Mandalas do Hinduísmo ou mesmo Fórmulas Cabalísticas da Real Arte Simbólica e Mística Hebraica entre outras práticas de Ocultismo e Hermetismo.

Entre os elementos mais utilizados podemos identificar velas, água, óleo, pedras, essências, fumo, ervas, tecidos, ponteiros e a citada pemba (giz utilizado para traçar símbolos), dentro de um ambiente de terreiro, mágico-religioso por natureza. Nos métodos se observam rezas, orações, preces, evocações, invocações, determinações e fórmulas mágico-religiosas associadas a banhos, defumações, oferendas e outros.

Todos estes recursos estão mais ou menos associados ao “Passe Umbandista”, no qual se cria um ambiente de Som, Cores, Aromas e Luzes, capaz de inebriar de forma positiva todos os cinco sentidos do consulente a fim de conduzi-lo a certo estado de consciência desejado.

Durante o “Passe Umbandista” observamos a entidade espiritual fazer a imposição de mãos, segurar velas direcionadas aos chakras ou traçando movimentos no ar, colocam colares (guias) no pescoço do consulente ou o colocam dentro da mesma em círculo no chão. Atiram ponteiros em pontos riscados, fazem gestos rituais e movimentos com os pés e mãos que nos faz crer na “Magia Gestual”.

Em meio a tantos recursos, que nos encantam e fascinam, nos chama a atenção, em especial, o estalar de dedos, bem característico em quase todas as linhas de trabalho.

Muitas pesquisas e especulações já foram realizadas sobre esta prática, entre elas são identificadas as energias que existem na ponta de cada um dos dedos da mão, que são pequenos chakras ou vórtices de energia (“chacrinhas”), e, o “choque” vibratório desencadeado no ar quando o dedo médio estala sobre a região da mão chamada de “monte de Vênus”, causando vibração astral e sonora o que desperta certa energia dentro do campo em que está atuando.

Este “Estalar de Energias” pode assumir contextos variados de acordo com o que esteja associado, por meio do pensamento ou movimentos. Além deste contexto pode-se usar o estalar de dedos como um simples gesto de descarregar as energias absorvidas pelas palmas das mãos.

Um caboclo ou outro espírito guia eleva sua mão ao alto (ou ao lado) buscando certa energia que será irradiada ao consulente, num movimento rápido, ao mesmo tempo em que transmite esta energia positiva, retira os eflúvios negativos e os “descarrega” com um estalar de dedos.

Os movimentos longitudinais, transversais e circulares também foram descritos na obra de Edgard Armond, em que: Os passes longitudinais movimentam os fluidos, os transversais os dispersam e os circulares e as imposições de mãos os concentram, o mesmo sucedendo com o sopro quente. Este último merecendo ainda um estudo à parte.

No entanto pode-se associar procedimentos mais ou menos magísticos com os mesmos, ou seja, a relação entre estalos e números com o poder de realização que cada um deles possui, aplicando-se seqüências de estalos que podem variar, por exemplo, de 2x3,3x3,4x3 ou ainda estalos que desenham formas geométricas no ar. Lembrando que a aplicação de símbolos associados a idéias e intenções, com suas respectivas invocações é a mais explícita “magia simbólica”, encontrada nas mais variadas culturas.

Assim seqüências de estalos “desenham” no ar, cruzeiros, estrelas e círculos; firmando ou estabelecendo pontos e espaços vibratórios, aos quais podem ter função nesta realidade ou abrir portais para outras realidades.

Muito mais poderíamos escrever sobre o “Passe Umbandista” e seus recursos, no entanto não pretendemos em um único artigo esgotar o que é inesgotável.

Fica aqui um comentário final sobre a importância do estudo, não para complicar o que é realizado de forma tão simples por nossos guias de Umbanda, mas com a finalidade de compreendermos o que eles realizam, com a consciência de que eles sim estudam e estudaram muito para realizar este trabalho espiritual. Não estudamos por um movimento do Ego ou para substituir a presença dos mesmos, mas para lhes oferecer maiores recursos psíquicos, espirituais e materiais.

Estudamos para ver o quanto somos ainda “neófitos” (aprendizes) nesta senda, em que Caboclo (a), Preto Velho (a), Baiano (a), Boiadeiro (a), Marinheiro (a), Cigano (a), Exu e Pomba Gira são nossos Mestres.

Notas:

[1] Rubens Saraceni. Código de Umbanda. São Paulo: Ed. Madras, 2006. P.79

[2] Edgard Armond. Passes e Radiações: Métodos Espíritas de Cura. São Paulo: Ed. Aliança, 1997. P. 85

[3] Rubens Saraceni. Código de Umbanda. São Paulo: Ed. Madras, 2006. P. 101

Material de Apoio – Leitura Necessária e Obrigatória.
Desenvolvimento Mediúnico.

Gênese Divina de Umbanda Sagrada

(Rubens Saraceni / Editora Madras)

O Livro dos Tronos de Deus — A Ciência Divina Revelada

Aqui consta a apresentação e uma parte do texto sobre a “Gênese do Planeta Terra”, editado por Alexandre Cumino:

“A Gênese e a Teologia da Umbanda são inseparáveis, porque uma está na outra. Escrever sobre a sua gênese é criar um tratado teológico, e escrever sobre a sua teologia é criar uma gênese divina das coisas.

A Gênese Divina de Umbanda é uma ampla e elevada abordagem sobre o Divino Criador e sobre as Suas divindades, regentes da criação e dos seres.

Uma gota de água cristalina não purifica um litro de água suja. Mas uma gota de água suja contamina um litro de água cristalina. Assim também acontece com o conhecimento: um conhecimento verdadeiro não anula todas as inverdades já semeadas. Mas um falso conhecimento pode induzir muito à regressão do espírito.

Purifiquem-se nesta fonte cristalina do conhecimento.

As informações aqui contidas vieram diretamente do Magno Colégio de Umbanda Sagrada, astral, dirigido pelo nosso amado mestre-mago Seiman Hamiser yê, também conhecido na Umbanda como Senhor Ogum Megê "Sete Espadas da Lei e da Vida", um trono humanizado e espiritualizado.

Mestre Seiman Hamiser yê é um dos mentores astrais responsáveis pelo Ritual de Umbanda Sagrada e transmitiu-nos a Gênese Divina de Umbanda, secundado por todos os outros mestres-magos aqui não citados a pedido do Senhor Ogum Beira-mar, meu mestre pessoal.

Deus, ao gerar-nos de Si, dotou-nos com Suas qualidades divinas e espera que cada um vá revelando-as, à medida que for evoluindo.

As necessidades do espírito não são as mesmas do corpo físico por ele ocupado; se recorre a elas, é para evoluir mais em menor espaço de tempo.

Muito obrigado, meus Pais e Mães Orixás!

Muito obrigado, meus amados Mestres e Mestras da Luz!

Muito obrigado, meus Guardiões!

Muito obrigado a todos os que têm apoiado nossas obras mediúnicas!

Em nome do Pai, aceitem esta obra mediúnica como nossa contribuição à evolução espiritual, religiosa e teológica da humanidade, mediante o Ritual de Umbanda Sagrada.

A Gênese do Planeta Terra

(Rubens Saraceni")

Nós sabemos que o “universo” dos Orixás é vastíssimo e isto tem intrigado uns e confundido outros estudiosos deste mistério do Criador.

Sim, porque muitos julgam que a história da humanidade começou a alguns milhares de anos após o dilúvio, tal como está escrito na Bíblia.

Mas temos informações seguras, recebidas dos planos espirituais superiores, que o “dilúvio bíblico” não se refere a uma chuva torrencial durante quarenta dias, e sim a toda uma transformação da crosta terrestre que aconteceu há muito tempo, fato este que encerrou um ciclo evolutivo e deu início a outro. Havia toda uma civilização avançadíssima, mas que tinha esgotado sua capacidade de evoluir, já que a “produção” daquela época não era mecânica e capaz de se reproduzir como a de hoje: em larga escala. Aconteceu um dilúvio? Sim. Mas não exatamente como está na Bíblia ou nas lendas de outros povos tão antigos quanto o semita.

Em várias culturas religiosas encontramos vestígios deste acontecimento incomum, já como narrativas míticas ou lendárias. Encontramos vestígios diluvianos em diversas regiões do globo terrestre, sem que umas tivessem contato com as outras, regiões habitadas por povos totalmente diferentes nas suas expectativas religiosas e na forma de expressarem seus anseios quanto ao incognoscível (Deus).

O fato é que aconteceu toda uma transformação geográfica, cultural e religiosa que durou vários milênios e resultou na atual configuração da crosta terrestre, assim como na distribuição das antigas populações, quase extintas enquanto durou o processo.

A Gênese Divina nos revela que este ponto do universo onde hoje vivemos já foi um caos energético, que pouco a pouco foi sendo ordenado pelo poderoso magnetismo planetário, e que por bilhões de anos a Terra era inabitável, pois nenhum tipo de vida resistiria às explosões energéticas, que aconteciam porque elementos contrários se chocavam e se repeliam com violência.

Mas, de explosão em explosão, todo um esgotamento energético foi acontecendo, e os elementos mais “reativos” foram sendo consumidos e começaram a rarear, tornando possível a acomodação dos elementos estáveis. Então, pouco a pouco, a crosta terrestre foi se resfriando, ou melhor, foi perdendo calor para o espaço vazio existente além do seu campo eletromagnético.

Este campo tem seu limite nas camadas mais altas da estratosfera, justamente onde “vapores” ou gases ficavam concentrados, porque não conseguiam ultrapassar o cinturão eletromagnético que se formou com o giro do planeta sobre si mesmo, ou sobre seu eixo magnético.

Quando o “espaço” interno do planeta ficou saturado destes gases, a Terra era semelhante ao planeta Júpiter que vimos quando foi atingido por um cometa, que penetrou numa camada gasosa antes de atingir a massa sólida. Saibam que a bilhões de anos atrás, a Terra se encontrava toda envolta por uma densa camada gasosa composta por muitos elementos, que, pouco a pouco foram se combinando e dando origem a moléculas mais pesadas, que começaram a baixar ou se precipitar sobre a massa incandescente que era a Terra então.

A ciência divina nos diz que desde o assentamento do divino Trono das Sete Encruzilhadas neste ponto do universo, pelo Divino Criador, já se passaram cerca de uns treze bilhões de anos, sendo que nos primeiros quatro bilhões, o nosso planeta se parecia com uma estrela azul, mas que cintilava outras cores.

Este período foi o tempo que o divino Trono das Sete Encruzilhadas passou “absorvendo” energias, através do seu poderoso magnetismo cósmico. Fato este que deu início aos choques “nucleares” geradores de explosões gigantescas e geradoras de novas ondas eletromagnéticas hiper-carregadas de energias, visíveis desde outras constelações.

Com o tempo, o núcleo magnético do planeta foi alcançando um ponto de equilíbrio, as ondas eletromagnéticas foram perdendo força e as energias foram se condensando em torno do eixo magnético planetário.

Então, o planeta que era uma massa incandescente com pequena “reatividade” começou a perder calor para o geladíssimo espaço cósmico, que é o absorvente natural do excesso de calor dos corpos celestes.

Tanto isso é verdade, que o brilho que vemos nas estrelas é energia que flui com as ondas eletromagnéticas, mas que vai sendo diluída no espaço cósmico. Mas as ondas eletromagnéticas geradas no interior delas, e que nos chegam, são absorvidas pelo magnetismo planetário e o recarregam, mantendo-o em equilíbrio vibratório.

Já o excesso, é lançado fora pelos pólos magnéticos (norte-sul), mantendo constante o campo em torno do planeta.

Afinal, nada é gerado do nada. Se a Terra tem seu magnetismo constante, algo tem que estar alimentando-o continuamente para que ele se mantenha estável.

“Esta absorção das ondas eletromagnéticas irradiadas por outros planetas é o fundamento da astrologia.”

O poderoso magnetismo de Vênus, que é um planeta regido por um trono planetário de natureza feminina, explica a influencia deste planeta nas questões do amor, do coração e da sexualidade.

Saibam que o planeta Vênus não é igual ao nosso, porque o magnetismo do trono que o rege não

É igual, não é da mesma natureza e sua dimensão física ou material tem uma finalidade inversa à do planeta terra. Lá, a dimensão física é doadora de energias para as outras dimensões paralelas a ela. Já aqui, a dimensão física tanto é doadora quanto receptora das energias das nossas dimensões paralelas.

Em Vênus, nas suas dimensões paralelas à dimensão material, em todas, só vivem seres femininos. Sejam de que espécies forem, certo?

Vênus é um planeta feminino;
Marte é um planeta masculino;

Terra é um planeta misto;
Urano é feminino;
Plutão é masculino;
Mercúrio é misto;
Júpiter é misto;
Sol é misto;
Netuno é misto e
Saturno é misto.

Lembrem-se de que estamos nos referindo a suas dimensões paralelas onde vivem trilhões de seres e criaturas.

Seres – espécies racionais
Criaturas – espécies instintivas

Saibam que nos planetas femininos só vivem seres femininos e nos planetas masculinos só vivem seres masculinos.

Saibam que a Terra tem 77 dimensões paralelas. Já outros planetas, uns tem 33, 49, 11, 21, 333, 777, 999 e etc. Cada planeta possui um numero de dimensões, todas paralelas umas as outras e todas atendendo aos desígnios do Divino Criador.

Cada planeta possui seu trono planetário, cujo magnetismo divino desencadeou seu processo formador e o tem sustentado desde que foi assentado ali pelo Divino Criador. Estes Tronos são individualizações do Divino Criador e têm em si mesmo tantas qualidades de Deus quanto forem necessárias à manutenção da vida que têm que amparar e têm de fornecer as condições ideais para que os seres subsistam e evoluam.

Nós, aqui na terra, só conseguimos raciocinar a partir do que conhecemos e nos é tangível. Mas a obra divina não se limitou à dimensão física, e só a partir da dimensão espiritual nos é possível raciocinar a partir de novas realidades.

Mas o fato é que a Terra é um pólo eletromagnético e capta as vibrações ou ondas eletromagnéticas dos planetas do nosso sistema solar, porque todos estão acomodados dentro do “espaço” solar. Já o mesmo não acontece com as ondas de outros planetas, pois o magnetismo deles não sai de dentro do campo do “sol” que os sustenta.

Mas as ondas eletromagnéticas oriundas de algumas estrelas são mais sutis que as ondas do Sol, penetram em seu campo eletromagnético e são absorvidas pelos planetas que formam o sistema solar, sobrecarregando-os magneticamente e alimentando os magnetismos planetários, distinguindo-os do magnetismo solar que, se não fosse por isto, anularia os campos eletromagnéticos dos planetas em sua órbita.

Este magnetismo estelar mais sutil sobrecarrega os planetas e dá a eles as condições de resistirem à atração magnética (ou gravitacional) do Sol.

Saibam que o mesmo acontece com os elétrons que giram em torno do núcleo de um átomo, ou com o magnetismo mental dos espíritos, pois estes absorvem o magnetismo sutil das Divindades Irradiantes (luminosas), vão se afastando da faixa neutra (ponto zero) e vão ascendendo às faixas vibratórias mais elevadas.

Tudo o que acontece no macro se repete no micro, e tudo o que acontece na criação acontece nas criaturas e nos seres. Deus se repete e se multiplica em tudo o que gerou a partir de Si mesmo, quer esse tudo seja animado ou inanimado. Quer seja instintivo ou racional.

“E se assim é, é porque tudo acontece em Deus”.

Bom, já viram como somos influenciados pelas ondas eletromagnéticas das estrelas (outros sóis) e dos planetas dentro do campo magnético do Sol, que forma o nosso sistema solar, que nada mais é que um macro átomo.

Então perceberam que assim como um enunciado químico nos diz que na natureza nada se perde e tudo se transforma, também no campo das energias e dos magnetismos o mesmo se aplica.

Nós dissemos que por uns quatro bilhões de anos o nosso planeta foi uma massa energética reativa, mas assim que o divino Trono das Sete Encruzilhadas alcançou seu limite máximo em sua capacidade de absorver energias, as reações foram diminuindo e só restou uma bola incandescente cercada de vapores (gases) cujos elementos (átomos) foram se combinando e dando origem a moléculas mais pesadas que se precipitavam sobre a superfície incandescente.

Pouco a pouco, com a perda de calor para o gelado espaço cósmico, a crosta foi se resfriando e se solidificando, até que se tornou densa o suficiente para reter em sua superfície as moléculas que iam se formando nas camadas gasosas mais elevadas.

Mas o interior incandescente, que era energia pura, criava e ainda cria pressão, elevando para a superfície os átomos hiper-aquecidos.

É o mesmo processo da fervura da água: o fogo aquece o fundo da chaleira, as moléculas de águas se energizam e sobem, criando lugar para que as menos energizadas se precipitem para o fundo. Com isto cria-se uma corrente dupla, onde moléculas mais energizadas (quentes) sobem, e as menos energizadas (menos quentes) descem para o fundo da chaleira. Quando as que haviam subido se desenergizam (perdem calor), então se tornam mais “pesadas” e descem, enquanto as que antes haviam descido se energizaram (aqueceram) e sobem.

Nesta ebulição algumas moléculas hiper-aquecidas saem pelo bico da chaleira e se perdem no espaço.

O mesmo aconteceu com o planeta Terra.

Nesta dupla corrente, estabelecida no magma energético, o planeta foi perdendo calor e moléculas hiper-aquecidas. Mas outras se precipitavam, já resfriadas, absorvendo calor, voltando a subir até as camadas magnéticas mais frias, onde perdiam o calor e se desenergizavam.

O fato é que o processo de resfriamento do nosso planeta Terra durou mais de três bilhões de anos e as ligações atômicas comandadas pela imanência do divino Trono das Sete Encruzilhadas deram origem a muitos tipos de moléculas, que deram origem a muitas substâncias. Umas sólidas, outras líquidas e outras gasosas.

Se tudo aconteceu assim, é porque assim foi estabelecido pelo Divino Criador quando se individualizou no divino Trono das Sete Encruzilhadas, Seu herdeiro “natural”.

Tal como acontece durante a fecundação do óvulo pelo sêmen e toda uma cadeia genética geradora é formada e ativada, o mesmo ocorreu quando um ser divino (o divino Trono das Sete Encruzilhadas) magnetizou-se e se polarizou dentro do ventre da Mãe Geradora (a natureza cósmica de Deus).

Então se criou um magnetismo novo que, tal como um feto, começou a absorver os nutrientes da Mãe Geradora (o Cosmo).

O feto alimenta-se de sua mãe e o mesmo fez o divino Trono das Sete Encruzilhadas e sua parte geradora, que é uma individualização da parte feminina do Divino Criador (a Natureza).

Enquanto (o divino Trono das Sete Encruzilhadas) crescia magneticamente, o planeta se energizava (materializava).

Com isto dito, saibam que o divino Trono das Sete Encruzilhadas é o magnetismo que sustenta a existência do planeta em suas muitas dimensões. Já a sua contra parte natural é a individualização e repetição “localizada” da natureza cósmica de Deus ou de Sua parte feminina, que é um ventre gerador de vida.

Na criação divina (a gênese das coisas) tudo se repete e se multiplica. Tudo que está acontecendo aqui e agora, em um outro nível dentro de um grau da escala magnética divina, já aconteceu ante.

Ou seja: o que antes aconteceu numa macro escala hoje, acontece num grau dessa mesma escala, amanhã acontecerá num nível e depois de amanhã acontecerá num subnível. E assim sucessivamente, bastando guardar as proporções das repetições e multiplicações, a célula-mãe se repete e se multiplicam nas suas células filhas.

Saibam que na gênese de um corpo humano, a par da herança genética dos pais, o sêmen do homem tem um magnetismo análogo ao do divino Trono das Sete Encruzilhadas que atrai as energias (nutrientes), enquanto o magnetismo do óvulo da mulher é análogo ao da mãe geradora (cosmos) que vai agregando e distribuindo os nutrientes, segundo um código preestabelecido.

Esta é a razão de todos os planetas serem “redondos”. Eles são formados dentro de um tipo de magnetismo ovular (de óvulo ou ovo). Nesse magnetismo planetário, os eixos são

do divino Trono das Sete Encruzilhadas. Já o magnetismo que os reveste e retém em cada camada os elementos, estes são o da Divina Mãe Geradora, ou sua natureza divina.

Só quando estes dois magnetismos se fundem surge algo, tal como só quando o macho se une com a fêmea (copula) uma nova vida é gerada.

Tudo se repete e tudo se multiplica, bastando sabermos que é assim que tudo acontece dentro de Deus, porque Ele é o eixo da geração e a própria geração em Si mesmo.

Ele tanto é o macho quanto à fêmea. Mas quando se individualiza aí assume a Sua dualidade e biparte-Se em ativo e passivo, positivo e negativo, irradiante e absorvente, macho e fêmea.

E foi o que aconteceu aqui na Terra, porque da união magnética do divino Trono das Sete Encruzilhadas com a “mãe natureza” surgiu um planeta magnífico e único no nosso sistema solar. Como já dissemos, Vênus é um planeta tipicamente feminino e Marte é masculino. Já a Terra é um planeta misto ou bipolar.

As energias irradiadas pelo planeta Vênus são emotivas, as de Marte são racionais.

As vibrações (ondas) magnéticas do planeta Vênus são “cochoidais” e as de Marte são retas.

A essência de Vênus é estimuladora da ovulação feminina e a de Marte é estimuladora da fertilidade masculina.

O fator venusiano desenvolve a natureza sensual das fêmeas e o fator marciano desenvolve a natureza viril dos machos.

Voltando à gênese do nosso planeta. O fato é que durou sete bilhões de anos desde que se iniciou, até que uma atmosfera, ainda saturada de gases, tivesse sido formada.

O planeta de então era instável e a todo o momento sacudido por gigantescas erupções vulcânicas. A partir daí, as “substâncias” já não retornavam ao interior incandescente, porque a crosta sólida retinha em sua superfície as lavas, que iam “engrossando-a” e expandindo-a cada vez mais.

Este processo de resfriamento interno via erupções vulcânicas durou um bilhão e meio de anos e iniciou-se a partir das calotas polares ou pólos magnéticos.

Até este ponto já havia passado uns oito bilhões de anos e tempo suficiente para que todas as setenta e sete dimensões paralelas se completassem. Mas ainda não estavam alinhadas magneticamente em função das atividades magmáticas no interior do planeta.

Este alinhamento durou uns dois bilhões de anos e só quando se completou a vida propriamente dita teve início com o surgimento em formas ainda rudimentares e unicelulares.

As algas foram a primeira forma de vida unicelular que aqui surgiu. Mas isto só foi possível porque a formação de moléculas de água acelerou-se e alagou a crosta terrestre com a precipitação de toda uma formação gasosa acumulada nos pólos magnéticos.

Plânctons começaram a surgir nas águas paradas e logo (uns quinhentos milhões de anos), toda a crosta terrestre estava recoberta de uma vegetação unicelular ou de esporos (bolos), fato este que começou a gerar as condições ideais para o surgimento de uma vida superior formada por seres instintivos.

Nas dimensões paralelas, as básicas ou elementais já estavam formadas e começaram a receber seres ainda inconscientes e em estado puro.

Uns eram elementais ígneos, outros eram aquáticos, eólicos, minerais, vegetais, cristalinos, etc.

Estes seres provinham da dimensão essencial ou útero divino gerador de vida.

Enquanto seres virginais viviam na dimensão divina que nomeamos de “dimensão Mãe da Vida”, e nela eles iam sendo fatorados e adquirindo uma ancestralidade, pois adquiriam um magnetismo que os individualizava e os distinguia uns dos outros.

Saibam que neste ponto as lendas dos Orixás são as mais corretas descrições de um fatoramento divino que acontece no útero da Mãe da Vida ou dimensão essencial (seria fatorial? A.C.), pois nela existem correntes eletromagnéticas que transportam essências fatoradas que vão sendo absorvidas pelos seres ainda em estado de “óvulos” ou mentais pulsantes.

Nós não temos palavras para descrever o “nascimento” dos seres virginais porque é um mistério impenetrável e irrevelável. Mas até onde nos é possível descrevê-lo, saibam que tal como certos órgãos do nosso corpo geram células continuamente, ali são gerados seres virginais que vão sendo lançados dentro desta dimensão virginal ou Mãe da Vida, saturada de essências puras, mas que vão sendo fatoradas pelos mistérios de Deus, que são as Suas divindades geradoras de Suas qualidades divinas.

Nós temos sete dimensões elementais básicas que recebem os seres assim que adquirem uma “consistência” magnética que os influenciará dali em diante, distinguindo-os por uma ancestralidade.

“O fator que for absorvido pelo ser ainda virginal o distinguirá e o caracterizará por todo o sempre”...

[...] Saibam que depois de cerca de dez bilhões de anos aconteceu o alinhamento natural das dimensões paralelas e a vida começou a fluir com intensidade em todas elas, porque todas as sete hierarquias planetárias se completaram e criaram as condições ideais para que o útero gerador da Mãe da Vida se abrisse e lançasse nas sete dimensões básicas elementares tantos seres, quanto elas comportam.

Isto aconteceu entre dois e três bilhões de anos atrás, e a face da terra já estava toda coberta de vegetais, oceanos, rios, lagos, campos etc., ainda que rudimentares, e habitada só por criaturas que se adaptavam às condições climáticas de então.

Não nos perguntem como surgiram tais criaturas, porque este é um mistério de Deus e quem sabe algo sobre ele nada revela, e quem fala algo é porque nada sabe.

Nas dimensões paralelas os seres “essenciais” continuavam vindo do útero divino da mãe geradora e sendo lançados nas sete dimensões elementais puras, onde estagiavam e desenvolviam o corpo elemental básico, afim com a sua essência e natureza (fator divino).

Isto continua acontecendo até hoje, uns dois ou três bilhões de anos depois do início da evolução em nosso abençoado planeta.

Nas dimensões paralelas, em número de setenta e sete, a vida superior se expandia e ia ocupando seus espaços, enquanto a dimensão humana resumia-se à sua parte física habitada só por criaturas, tendo sua parte espiritual ou etérica, totalmente deserta.

Houve uma época em que as águas cobriam quase toda a crosta terrestre, mas pouco a pouco, com o resfriamento e congelamento das calotas polares, devido ao magnetismo dos pólos, o nível começou a baixar e muitas partes ficaram emersas, cobrindo-se de vegetação e de espécies rudimentares. Até que vieram as espécies inferiores, tais como os répteis e anfíbios.

A cerca de meio bilhão de anos atrás surgiram as grandes criaturas e os sáurios rapinantes, que dominaram a face da Terra durante milhões de anos. Depois começaram a desaparecer lentamente.

Este período foi encerrado com o desencadeamento de um ciclo de erupções vulcânicas devastadoras que aqueceu muito os mares de então e partiu a crosta em vários pontos, isolando as porções de terra, antes contíguas.

Então aconteceu toda uma nova configuração geográfica, vegetal, aquática e eólica. E só a cerca de cinquenta milhões de anos atrás a vida voltou a vicejar no plano físico, porque nas dimensões paralelas elas já estavam ocupadas de alto a baixo. A evolução natural nunca sofreu interrupção nas dimensões naturais. Nelas os seres superiores haviam evoluído tanto, que os divinos troncos planetários haviam completado suas hierarquias horizontais e verticais em todos os níveis vibratórios e em todas as faixas magnéticas.

No plano físico teve início a geração de criaturas simiescas, de feras e de aves. A Terra foi coberta por uma fauna e flora exuberante, nunca vista nestas bandas do nosso universo. O mesmo aconteceu com os mares, rios e lagos, muitos dos quais formados por águas quentes e destinados a algumas espécies intermediárias.

A cerca de dez milhões de anos atrás surgiram raças intermediárias entre os símios e os futuros humanos. Eram semelhantes aos lendários “ogres” e se destinavam a abrigar num corpo denso

(físico) seres que ascenderam de um universo inferior ao nosso, pois se localiza um grau abaixo do nosso na escala divina.

Este período de ascensão de “espíritos” vindos de “baixo” durou seis milhões de anos e exauriu a crosta terrestre, levando a um esgotamento da fauna e flora. Também havia se

encerrado a “subida” dos “espíritos” desse universo contíguo ao nosso, mas localizado um grau magnético abaixo na escala divina e, por isso, inferior.

Após um período de descanso do plano físico, tudo foi restaurado e se restabeleceram as condições ideais para a vida retornar plena e vigorosa. Então surgiram os ancestrais do atual ser humano, ainda rudimentares, portando-se como os animais selvagens.

Este período durou até um milhão e meio de anos atrás, quando aconteceu uma “catástrofe” celeste: uma nuvem de cometas atravessou o sistema solar e muitos colidiram com os planetas, assim como três muito grandes chocaram-se contra o sol, atraídos pela sua poderosa gravidade ou magnetismo.

A nossa Terra não foi poupada e a vida quase foi extinta. Recuperou-se, e a cerca de um milhão de anos atrás surgiu à civilização que muitos chamam de adâmica, atlante, lemuriana etc.

Considerações Finais

A Umbanda não possuía uma explicação só sua sobre o "início dos tempos" e os umbandistas recorriam às gêneses alheias para comentar alguma coisa a respeito.

A ideia de fazer algo nesse sentido e suprir essa lacuna surgiu em 1992 e, pouco tempo depois, começou a tomar corpo junto com outra lacuna, até então não percebida pelos umbandistas: o Estudo Teológico Regular.

Aqui, só estão cinco livros das muitas partes dessa gênese umbandista. Mas quero que saibam que outros, publicados à parte (“As Sete Linhas de Evolução e a Ascensão”; “A Tradição Comenta a Evolução”; “A Teogonia de Umbanda”; “A Androgenesia de Umbanda”; “Tratado Geral de Umbanda”, etc.), fazem parte dos livros psicografados e que preenchem parcialmente algumas lacunas existentes e que não haviam sido vislumbradas ou detectadas antes pelos escritores umbandistas.

Juntamente com o Código de Umbanda e os livros sobre Magia Divina, este livro encerra um conjunto de informações sobre o universo Divino e Espiritual da Umbanda que a coloca em igualdade com todas as outras religiões existentes, não ficando a dever nada, seja quanto a fundamentos divinos ou a conhecimentos acerca dos planos invisíveis dos espíritos e sobre a magia.

Ainda que nem todos os livros já psicografados estejam publicados, a Umbanda já tem uma fonte inesgotável e só sua de conhecimentos fundamentais e espirituais.

Muitos livros fundamentais ainda estão à espera de ser publicados, algumas lacunas continuarão expostas. No entanto, os que já estão à disposição dos leitores umbandistas são suficientes para que se sintam bem fundamentados em suas práticas espirituais e necessidades teológicas.

Tenho certeza de que quando toda a obra literária, concedida a mim pelos espíritos mentores da Umbanda, tiver sido publicada, não haverá um só umbandista que não se sentirá orgulhoso de pertencer a tão luminosa religião espiritualista.

Também posso afirmar que quando todos os livros estiverem à disposição do público, não só os umbandistas, mas os seguidores de outras religiões se servirão deles para preencher lacunas existentes nas suas próprias "teologias" ou doutrinas. E esses mesmos livros serão a fonte de novos adeptos para a luminosa religião Umbandista.

Nós sabemos o quanto é importante para uma religião ter grande acervo de obras literárias de primeira grandeza à disposição dos leitores em geral, pois é por meio delas que ela chega ao conhecimento e é em si uma fonte formadora de opinião.

Lamentavelmente, ainda se encontram na Umbanda dirigentes avessos ao estudo permanente de sua religião e há até aqueles que acreditam que não precisam estudar, assim como o estudo é contrário às práticas mediúnicas.

A essas pessoas alertamos o fato de que muitos já entraram e saíram da Umbanda justamente porque não encontraram uma leitura ampla, que preenchesse as lacunas teológicas e doutrinárias existentes em suas mentes e que não foram preenchidas na nova religião que adotaram.

Só oferecer "trabalhos" espirituais aos adeptos umbandistas não é o suficiente e enquanto essa mentalidade arcaica e obscurantista não for erradicada da Umbanda, nossa religião não mostrará a todos a sua magnífica fundamentação Divina e não alcançará o seu merecido lugar no coração dos seus adeptos.

Bem sabemos que muitos dos que são contrários ao estudo teológico nos criticam e nos rejeitam e até proíbem que seus médiuns estudem. Mas também sabemos que é justamente essa mentalidade que mais tem prejudicado o crescimento da Umbanda e bloqueado a expansão da sua literatura, pois impedem que os livros dos muitos autores umbandistas já colocados para o público circulem regularmente e sejam objeto de estudo e análise dos médiuns e dos consulentes de suas tendas.

A você, amigo leitor que chegou ao final deste, peço que reflita sobre esse alerta e espero que se junte a nós na disseminação do estudo regular dentro da Umbanda e nunca se esqueça de que só a fé não basta para satisfazer as necessidades religiosas das pessoas.

O conhecimento a complementa e sedimenta-a na mente dos fiéis.

Rubens Saraceni Este texto faz parte do livro "Gênese Divina de Umbanda Sagrada", de Rubens Saraceni, Ed.Madras.

Material de Apoio – Leitura Necessária e Obrigatória.
Desenvolvimento Mediúnico.

Uma Cosmogênese Umbandista

(por Rubens Saraceni)

A Umbanda é uma renovação do tradicional culto às divindades africanas, englobados na classificação “cultos das nações”, assim denominado porque cada povo possuía sua religião própria, com seus ritos específicos, mas que mantinham uma analogia muito grande, tanto na preparação sacerdotal quanto organizacional, de seus panteões divinos.

Com o passar dos anos o Panteão Nagô dos povos nigerianos ou de língua Yorubá acabou se destacando no Brasil e se impondo sobre os demais, pois os Orixás popularizaram-se com a vinda de muitos escravos nigerianos, trazidos principalmente para a Bahia a partir do final do século XVIII e início do século XIX.

Sua classe sacerdotal era mais organizada e destacou-se muito rapidamente e mais ainda no decorrer dos séculos XIX e XX, espalhando o Culto aos Orixás para todo o Brasil, adaptando-os conforme foi possível e procurando conservar o máximo possível do conhecimento sobre eles.

Sendo a transmissão oral a forma que possuíam para preservarem o conhecimento, muito se perdeu sobre os Orixás e só uns poucos deles tornaram-se bem conhecidos e tiveram seus Cultos tradicionais preservados desde 1780 até 1908, quando foi fundada a Umbanda por Pai Zélio de Moraes.

Assim, muitas das coisas que se sabia sobre eles dentro dos seus cultos tradicionais na Nigéria não chegaram até nós ou haviam sido adaptadas conforme foi possível.

Daí, para os primeiros umbandistas, não havia muito sobre os Orixás à disposição, e se um Caboclo identificava-se como de Ogum, de Xangô etc. os seus médiuns ficavam sem muitas informações seguras sobre esses Orixás, e quase todos recorriam aos santos católicos sincretizados com eles como forma de conhecê-los.

E os santos católicos tiveram suas histórias popularizada pelos umbandistas, que as passavam de mão em mão para poderem ensinar os novos médiuns, sendo que os santos sincretizados com os Orixás tornaram-se muito populares e muito cultuados no Brasil devido à compra de suas imagens para os altares umbandistas.

Esse conhecimento bem “terra” sobre os Orixás predominou no 1º século de existência da Umbanda, graças ao sincretismo e ao que se sabia sobre os santos católicos.

Ao estudioso da Umbanda, basta consultar os livros de muitos autores umbandistas para confirmarem o que até aqui afirmamos.

Não havia um conhecimento profundo sobre os Orixás, e o que se sabia ou se escrevia sobre eles não saía desse nível “terra” do conhecimento.

Antes de terem se espalhado pelo mundo todo, os Orixás só haviam sido cultuados pelos povos Nagôs ou Nigerianos... E na língua Yorubá.

Mas um conhecimento novo sobre os Orixás começou a ser aberto por um espírito chamado “Pai Benedito de Aruanda”, e ensinado por seu médium psicógrafo e fundador do Colégio de Umbanda Sagrada.

E isso, sem que ele fosse Teólogo ou formado em qualquer Escola Iniciática, Esotérica ou Ocultista, mas criando uma base para o estudo doutrinário e teológico umbandista.

Toda religião tem sua cosmogênese ou gênese divina, que descreve para os seus seguidores a forma como Deus criou o “mundo”.

A Umbanda por ser a somatória de várias doutrinas e rituais religiosos, tanto pode escolher a cosmogênese dos povos Nagô, quanto aos Cultos Indígenas Brasileiros, assim como pode servir-se da Judaica, incorporada pelo Cristianismo, pois essas três religiões estão presentes devido à manifestação dos Caboclos e Pretos-velhos, dentro de uma moral Cristã.

Também pode recorrer à cosmogênese da última religião de guias espirituais hindus, chineses etc.

Mas sempre será uma adaptação de cosmogêneses alheias, muitas delas já extintas no plano material.

Portanto, por ser a somatória do conhecimento de espíritos doutrinados em outras religiões, a Umbanda não pode e não deve optar por nenhuma delas porque não seria aceita por todos os umbandistas, com cada um tendo seu mentor espiritual formado por alguma das outras religiões do passado ou da atualidade.

Logo, a Umbanda tem que ter sua própria cosmogênese, genuinamente umbandista.

Ainda que se sirva da base Yorubana na nomenclatura do seu Panteão Divino e das qualidades dos Orixás e tudo o mais, deve preservar a “essência” desse conhecimento que nos chegou através da transmissão oral para que o culto aos Orixás se perpetuasse no tempo e servisse de ponto de partida para o surgimento de novas religiões fundamentadas neles, tal como Judaísmo preservou sua cosmogênese que, posteriormente, fundamentou o Cristianismo e o Islamismo, grandes religiões da atualidade, muito maiores em número de seguidores.

Como qualquer uma das antigas cosmogêneses só agradaria um número limitado de seguidores da Umbanda, após observar a religião em seu lado material por muito tempo, os “espíritos superiores” que a fundaram através de Pai Zélio de Moraes liberaram todo um conhecimento ainda não disponível até então no plano material que fundamenta todas as suas práticas religiosas e mágicas sem, em momento algum, contradizer ou negar a essência da cosmogênese Yorubana ou Nagô.

Até porque esse não é o propósito deles, e sim fundamentar tudo o que foi preservado e o que não chegou ao Brasil e só existe na Nigéria.

A cosmogênese disponibilizada pelos espíritos mentores da religião umbandista não se fundamenta em mitos ou lendas, e sim no estudo profundo e elevadíssimo desenvolvido

nas escolas espirituais existentes nos planos mais elevados do nosso Planeta, estudo esse desenvolvido por espíritos que já não encarnam mais, porque ascencionaram à 7ª faixa vibratória positiva da dimensão humana da vida e hoje atuam em benefício da humanidade através de suas hierarquias ou correntes espirituais, que chegam até o plano material através dos guias espirituais dos médiuns umbandistas e dos protetores espirituais que todo ser encarnado possui.

Essa cosmogênese é tão abrangente que explica a religião Umbanda, todos os Orixás cultuados nela, todas as linhas de trabalhos espirituais, todas as ancestralidades dos filhos dos Orixás, todas as práticas religiosas e mágicas realizadas na Umbanda e pelos umbandistas.

Também explica as cores, o uso de colares, de fitas, de cordões, de toalhas, de flores, de pedras, de ervas, de velas, de líquidos, de pós, de pombas, de pontos riscados e cantados etc.

Enfim, ela explica a existência dos seres e das coisas criadas por Deus, assim como explica porque cada pessoa, seja umbandista ou não, possui ligação com os Sagrados Orixás e deles pode servir-se, mesmo que não tenha sido iniciada na Umbanda e nada saiba sobre eles, as divindades, mistérios que governam a Criação Divina.

Alguns dos livros que trazem esse conhecimento novo seguem abaixo:

Umbanda Sagrada
Tratado Geral de Umbanda
Orixás Ancestrais
Orixá Exu
Orixá Pomba-gira
Orixá Exu Mirim
Livro de Exu
Doutrina e Teologia de Umbanda
Teogonia de Umbanda
Código de Umbanda
Gênese de Umbanda
Formulário de Consagrações Umbandista
Iniciação à Escrita Mágica Simbólica
Código da Escrita Mágica Simbólica
Tratado de Escrita Mágica etc.
Todos editados pela Madras Editora.